



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O
CASO DO RECANTO DAS EMAS**

DISTRITO FEDERAL

2016

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O
CASO DO RECANTO DAS EMAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora como pré-requisito para a aquisição do título em licenciatura no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dr.^a Cristina Maria Costa Leite

DISTRITO FEDERAL

2016

MARINA DE OLIVEIRA SAMPAIO

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O
CASO DO RECANTO DAS EMAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Banca Examinadora como pré-requisito para a aquisição do título em licenciatura no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Aprovado em: 24/06/2016.

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a. Cristina Maria Costa Leite (Orientadora)

Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a. Antônia da Silva Samir Ribeiro (Examinadora)

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Prof^a Dr^a. Maria Alexandra Militão Rodrigues (Examinadora)

Universidade de Brasília

Aos meus pais, Sampaio e Geísa, e
minhas irmãs, Marisa e Maristela.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que em sua sabedoria e misericórdia, me acompanhou durante toda a minha vida, e nunca me deixa desamparada. Agradeço a minha tão amada Mãezinha, Nossa Senhora Aparecida, por iluminar o meu caminho durante a graduação.

À minha linda e muito amada família: Raimundo Nonato Sampaio, Maria Geísa de Oliveira Sampaio, Marisa de Oliveira Sampaio, Maristela de Oliveira Sampaio, Titico e Mimosa, por serem as pessoas mais presentes na minha vida, pois também à minha família devo tudo o que sou e tudo o que tenho, sem eles, sem suas orações e incentivos, não teria conseguido chegar até onde estou.

Ao meu querido e amado Raphael Rodrigues Pereira, que sempre se dispôs a ajudar no que fosse necessário para que eu pudesse concluir os trabalhos da Universidade e da vida cotidiana, e que a todo o momento me conforta através de seus conselhos. Sua presença tornou a conclusão do curso de Pedagogia mais agradável e proveitosa.

Aos queridos amigos que fiz neste na graduação, em especial, Letícia, Michelle e Giselle, por tornarem meu percurso na universidade e no estágio obrigatório muito mais alegre e divertido. A presença desses amigos tão amados afastou qualquer desânimo que por muitas vezes eu poderia ter vivenciado.

À minha professora orientadora Cristina Leite que, com sua boa vontade, me acolheu com esta pesquisa, e muito gentilmente acompanhou a construção da mesma, aconselhando-me, orientando-me e sempre muito disposta a responder os meus questionamentos em relação à pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que através do programa de iniciação científica, nomeado Jovens Talentos para a Ciência, me possibilitou um mundo novo com responsabilidades e descobertas no meio acadêmico. Foi também através desse programa de iniciação científica que muitas portas se abriram para mim na Universidade, e por meio dele guardo momentos memoráveis nessa trajetória universitária.

À secretaria da Faculdade de Educação, em especial ao William, que muito gentilmente me ajudou a resolver todas as questões referentes à graduação, mais especificamente, no que se trata da aquisição de documentação e de processo de matrícula em disciplinas.

Aos queridos professores da Faculdade de Educação que contribuíram cada um a seu modo, para a minha formação como professora da educação básica compromissada e responsável em tudo o que faz, com muita dedicação e seriedade em respeito aos meus alunos.

À comunidade escolar presente na Escola Classe por onde passei durante todo o ano de 2015 estagiando para concluir esta pesquisa, que foi muito acolhedora e receptiva, e esteve sempre de portas abertas para mim sempre que precisei.

À Regional de Ensino do Recanto das Emas, que possibilitou a realização do meu trabalho e esclareceu minhas dúvidas, sem empecilhos, relacionadas à escola a qual realizei meu projeto e o meu estágio obrigatório.

Às professoras que participaram da banca examinadora, que muito gentilmente avaliaram este trabalho.

E, por fim, a todos os funcionários da Universidade de Brasília os quais tive a oportunidade de conhecer, seja por poucos minutos, ou por muito tempo, mas que souberam realizar seus trabalhos com muita serenidade e sabedora, além de muita educação e respeito. Agradeço, em especial, ao Roberto, que trabalha na recepção da FE e é sempre muito gentil e educado com todos que por ali passam, e ao seu Joel, que trabalha na Xerox, sempre muito alegre e gentil também.

*O Senhor é a minha luz e a minha
salvação. A quem temerei? O Senhor é a
força da minha vida. De quem me
recearei?*

(Salmos 27:1)

RESUMO

Este trabalho aponta a importância que a cidade, considerada como elemento mediador no ensino de geografia, pode desempenhar. O lugar onde os estudantes vivem deve ser tomado como referência, para que a geografia escolar ocorra, e por meio disso, seja possível trabalhar a construção de conceitos científicos, a partir de conceitos cotidianos. Por isso, foi analisada a rotina de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, que estuda em uma Escola Classe, localizada na cidade do Recanto das Emas – DF. Desta forma, o referencial teórico complementa a pesquisa explicitando a importância de se trabalhar o lugar vivido do aluno, concebido em sala de aula. Além disso, procura-se esclarecer que o trabalho do professor, bem como a sua formação acadêmica, podem ser determinantes na qualidade do ensino de geografia. De acordo com os resultados apresentados, percebe-se que o ensino de geografia ainda é precário e que o potencial do cotidiano para a aprendizagem nessa área do conhecimento é desconsiderado.

Palavras-chave: Geografia Escolar, cidade, Recanto das Emas, primeiro ano, ensino fundamental.

ABSTRACT

This paper highlights the importance that the city, considered as mediator element in the teaching of geography, can play. The place where students live must be taken as a reference for the school geography occurs, and through appropriate, is possible to work the construction of scientific concepts, from everyday concepts. For this reason, was analyzed in the routine of a class of first year of elementary school, who is studying in a school class, located in the city of the Recanto das Emas - DF. In this way, the theoretical complements the search by explaining the importance of working the place lived the pupil, designed in the classroom. In addition, demand is to clarify that the work of the teacher, as well as their academic training, can be decisive in the quality of the teaching of geography. According to the results presented, we perceive that the teaching of geography is still precarious and that the potential of daily life for learning in this area of knowledge is disregarded.

Keywords: school geography, city, Recanto das Emas, first year, fundamental education.

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada em atendimento a um dos requisitos para obtenção do diploma de licenciatura do curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Trata-se de um trabalho desenvolvido durante um ano, ao longo do período correspondente ao estágio supervisionado - projeto 4, fases um e dois, e do projeto 5. Assim, o trabalho está estruturado em três partes: a primeira, referente ao meu memorial, com explicitação de toda a trajetória estudantil que percorri até a graduação; a segunda parte se refere à pesquisa denominada “O ensino de geografia nas séries iniciais – 1º ano do Ensino Fundamental” realizada na cidade do Recanto das Emas/DF; por fim, a terceira parte, com as minhas perspectivas profissionais.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escola Classe 22	18
Figura 2 - Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia	19
Figura 3 - CAVILAM. Vichy, France	22
Figura 4 - Mapa do Distrito Federal	35
Figura 5 - Flor da Canela de Ema	42
Figura 6 - Canela de Ema	42
Figura 7 - Centro Olímpico	43
Figura 8 - Unidade de Pronto Atendimento	43
Figura 9 - Delegacia e postos policiais	44
Figura 10 - Distância entre Recanto das Emas e Brasília	44
Figura 11 - Recanto das Emas	45
Figura 12 - Estrada EPCT – Acesso ao Recanto das Emas	45
Figura 13 - Escola Classe	46
Figura 14 - Desenho 1 – Sujeito 1 sobre a cidade	54
Figura 15 - Desenho 1 – Sujeito 2 sobre a cidade	55
Figura 16 - Desenho 1 – Sujeito 3 sobre a cidade	55
Figura 17 - Desenho 1 – Sujeito 4 sobre a cidade	56
Figura 18 - Desenho 2 – Criança 2 sobre o Recanto das Emas	58
Figura 19 - Desenho 2 – Criança 3 sobre o Recanto das Emas	58
Figura 20 - Desenho 2 – Criança 4 sobre o Recanto das Emas	59
Figura 21 - Desenho 2 – Criança 5 sobre o Recanto das Emas	59

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Regiões Administrativas do DF	34
Quadro 2 - Desenhos das crianças sobre a cidade	52
Quadro 3 - Desenhos das crianças sobre a cidade onde vivem: Recanto das Emas	56
Quadro 4 - Entrevista com a professora regente	64
Quadro 5 - Grupo Focal	67
Quadro 6 - Conceitos Geográficos	69
Quadro 7 - Diária da Pesquisadora	71

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Os estudantes representaram a cidade?	54
Gráfico 2 - Os estudantes representaram o Recanto das Emas?	57
Gráfico 3 - Possui elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas?	68

SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DF - Distrito Federal

FE - Faculdade de Educação

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PNAIC – Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

RA - Região Administrativa

SEEDF - Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal

UnB - Universidade de Brasília

UPA - Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

PARTE I

MEMORIAL EDUCATIVO	17
--------------------	----

PARTE II

INTRODUÇÃO	24
------------	----

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A geografia escolar	28
-------------------------	----

1.2 A cidade como elemento mediador na geografia escolar	32
--	----

1.3 O professor	37
-----------------	----

2 METODOLOGIA

2.1. Contexto de produção das informações empíricas	41
---	----

2.1.1 A cidade: Recanto das Emas	41
----------------------------------	----

2.1.2 A escola	46
----------------	----

2.1.3 Os participantes	47
------------------------	----

2.2. Procedimentos de construção das informações empíricas	47
--	----

2.3. Procedimentos de análise das informações empíricas	49
---	----

2.3.1. Desenhos	50
-----------------	----

2.3.2. Entrevista com a professora	50
------------------------------------	----

2.3.3 Grupo Focal	50
-------------------	----

2.3.4. Diário da Pesquisadora	51
-------------------------------	----

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.3.1. Desenhos	52
-----------------	----

3.3.2 Entrevista com a professora	64
-----------------------------------	----

3.3.3 Grupo Focal	67
-------------------	----

3.3.4 Diário da Pesquisadora	70
------------------------------	----

CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
----------------------	----

PARTE III

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	80
----------------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
----------------------------	----

PARTE I
MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Marina de Oliveira Sampaio. Tenho 21 anos de idade e sempre morei com minha família, meus pais Raimundo Nonato Sampaio e Maria Geísa de Oliveira Sampaio, e minhas duas irmãs, Marisa de Oliveira Sampaio e Maristela de Oliveira Sampaio. Nasci no dia 23 de novembro de 1994 no Hospital Regional de Ceilândia, Região Administrativa IX do Distrito Federal.

Minha trajetória escolar começa desde muito cedo, antes mesmo de ser matriculada em um estabelecimento oficial de ensino. Meu pai, servidor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, antigamente no cargo de Auxiliar de Educação, atualmente no cargo de Técnico em Infraestrutura Escolar, que por meio de sua sabedoria e amor, sempre reconheceu a importância dos estudos, incentivando-me desde muito pequena a ler, escrever, desenhar, contar histórias, etc.

Minha mãe, dona de casa, através de sua dedicação, amor e sabedoria, também muito presente na minha vida em todos os aspectos, principalmente no que se refere às questões educacionais, acompanhou minha trajetória escolar auxiliando-me e apoiando-me em todos os momentos. Meus pais sempre possibilitaram a mim e às minhas irmãs a liberdade de imaginar, desenhar, inventar histórias, jogar, etc.. Tive uma infância feliz, com muitas revistinhas em quadrinhos, coleções de histórias de contos de fadas, fábulas, lendas, cultura brasileira e culturas de outros lugares do mundo, além de muitos filmes, músicas, cadernos e lápis de cor.

Através da colaboração de minhas duas irmãs, Marisa e Maristela, eu pude colocar em prática tudo aquilo que aprendi, pois gostávamos muito de brincar de faz de conta. Brincávamos muito de sermos professoras e alunas. Sempre tivemos a oportunidade de estimularmos e desenvolvermos ainda mais a nossa imaginação. E uma de nossas brincadeiras preferidas, até hoje, é a Adedonha, que consiste na formação de palavras através da memória.

Deste modo, iniciei meus estudos aos quatro anos de idade, na Escola Classe 22 de Ceilândia Sul - DF. Boa parte das minhas memórias referentes à infância está relacionada ao tempo que passei nessa escola, que é pequena e aconchegante. Tive professoras muito competentes, em especial uma que se chamava Filomena, a qual me recorda muito o seu trabalho. Nessa escola, fiz parte de muitas brincadeiras, participei também do teatro junto aos meus colegas.

Figura 1: Escola Classe 22

Fonte: Google Maps (2015)

Concluí a educação infantil na Escola Classe 22. Logo depois passei por outras, no Ensino Fundamental, todas públicas, sendo uma delas o Centro de Ensino Fundamental 801, à época uma escola construída com madeirite, de infraestrutura muito precária, localizada na Região Administrativa do Recanto das Emas – DF. Essa escola contribuiu muito para a minha formação como estudante e como pessoa, pois, apesar da estrutura comprometida, possuía uma equipe escolar maravilhosa e competente que exerceu um ótimo trabalho e acompanhou a minha formação estudantil.

Ainda no meu Ensino Fundamental, passei por outra escola memorável, nomeada Centro de Ensino Fundamental 02 de Ceilândia Sul, onde cursei a antiga oitava série. Por lá passei e fiz grandes amigos, participei de eventos como as Olimpíadas de Matemática e as Olimpíadas de Ciências. Participei, também, de projetos ambientais, e pude desenvolver trabalhos dos mais diversos, todos com a presença forte de alunos e professores. Nessa escola houve também um trabalho intenso para mostrar aos alunos a importância de o estudante estudar questões relacionadas à política do país.

Aos doze anos, meus pais me matricularam em cursos de línguas estrangeiras. Comecei a cursar Inglês e Francês. O estudo desses idiomas hoje fazem parte da minha identidade, pois eles possuem uma grande importância para mim, e estou em contato constante com eles. Através dos cursos de idiomas tive experiências incríveis na minha

vida, como fazer novas amizades, viajar, assistir a um filme ou seriado no seu idioma original, praticar programação, jogar, estudar, entre outros. Cursei francês no Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia, e inglês na ALPS idiomas.

Concluí meu curso de inglês aos dezoito anos de idade, e o de francês aos vinte. Foram anos de muito esforço, pois estudava em estabelecimentos de ensino localizados em cidades diferentes, e não morava perto de nenhum desses lugares. Através do incentivo de minha família e do reconhecimento de minha parte sobre a importância dos estudos, pude concluir meus cursos com êxito.

Figura 2: Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia



Fonte: Childresnrights2015

O Ensino Médio foi outro momento singular e cansativo em minha vida. Trata-se de uma época de preparação para o vestibular, o que é muito importante. Contudo, maioria dos professores incitavam a mim e meus colegas a memorizarmos uma série de conhecimentos prontos, enfadonhos, sem que fossem aprofundados e os alunos pudessem entender seu real sentido.

Mas, também, esses mesmos professores nos traziam outros conteúdos que relacionados à prática eram magníficos e prazerosos. Nunca deixei de dedicar todo o meu tempo livre aos estudos. Fiz meu primeiro ano em uma escola pública tradicional de Ceilândia e concluí o segundo e o terceiro em uma escola particular tradicional de Taguatinga.

Tive alguns contratemplos na minha escolarização básica. Escolas públicas com os problemas que muitos brasileiros conhecem: estruturas precárias, professores sobrecarregados, falta de professores, gestão ausente, alunos sem estímulo para estudar, falta de respeito e falta de reconhecimento para com os direitos e deveres de professor e aluno, entre outros.

As dificuldades e as possibilidades as quais enfrentei na jornada escolar influenciaram a minha escolha pela atuação na área da educação. A história da educação brasileira é marcada por problemáticas que até hoje não foram resolvidas, infelizmente. Porém, isso não significa que ser docente não seja bom. Estou muito satisfeita com a minha escolha, sei que enfrentarei desafios, mas fazendo um bom trabalho posso contribuir da melhor maneira possível para uma excelente formação dos meus alunos.

Logo após finalizar o Ensino Médio, ingressei na Universidade de Brasília, em 2013, para cursar Pedagogia. A Universidade me acolheu respeitavelmente, e finalmente pude estudar de maneira sistematizada questões educacionais importantes para a formação do professor. O início do curso para mim foi uma grande vitória. Tive experiências muito boas, conheci professores simples e respeitosos, e passei a ler mais sobre assuntos diretamente relacionados à educação.

Infelizmente, a Universidade não me oportunizou experiências relevantes no que se refere a parceria com outras universidades, sendo elas nacionais ou internacionais. É lastimável a falta de incentivo do governo para com a formação do professor brasileiro. A oportunidade de intercâmbio poderia melhorar ainda mais a minha qualificação, e a experiências de meus colegas de curso. Conseguir uma bolsa remunerada de iniciação científica, para os estudantes da Pedagogia, também é uma grande dificuldade. Nesses aspectos, desejaria que a Universidade pudesse valorizar mais os colegas que irão atuar na educação.

Mesmo enfrentando essas adversidades, a mesma proporcionou ótimos momentos com disciplinas bastante importantes para a minha formação, tanto pessoal quanto profissional, sendo algumas delas:

Administração das Organizações Educativas;

Educação de Jovens e Adultos;

Educação em Geografia;
História da Educação Brasileira;
Investigações Filosóficas;
Oficina do professor leitor/escritor;
Orientação Educacional
Pesquisa em Educação;
Sociologia da Educação;
Usos de TV/Vídeo na escola.

Claramente, muitas outras disciplinas também contribuíram para a minha formação. A minha trajetória na Universidade de Brasília foi marcada por boas experiências, pois pude participar de grupos de pesquisa, tais como a *REDECENTRO – Rede de pesquisadores (as) sobre professores (as) no Centro – Oeste* e o *PIBIC*, porém, conseguir essas bolsas para estudos foram fruto de muita persistência. A minha inclusão na *REDECENTRO* se deu após a minha aprovação no concurso de bolsas *Jovens Talentos para a Ciência (CAPES)* em 2013.

A partir da minha significativa jornada na iniciação científica, descobri a importância do professor pesquisador. A pesquisa é um ótimo subsídio para que o professor possa ter a certeza de estar fazendo um bom trabalho. Um professor que não pretende atualizar os seus conhecimentos, que não incita seus alunos a investigarem fontes diversas, que não possui curiosidade para aprender mais e mais, que não possui a humildade para reconhecer que não sabe de tudo, e que sabe menos do que deveria, encontra mais dificuldade para exercer as suas atividades.

A entrada na Universidade coincidiu com a minha formatura no curso de Inglês. Participei de um processo seletivo promovido pelo Governo do Distrito Federal, na gestão de Agnelo Queiroz (2011-2015), para os Centros Interescolares de Línguas. A partir da aprovação no concurso, conquistei uma vaga para estudar na França, estava no último ano do curso de Francês. Fiz cursos de imersão na língua francesa, cultura francesa e um curso com foco em empreendedorismo e liderança, nas escolas de línguas

para estrangeiros CAVILAM, localizada em Vichy, em parceria com as universidades de Auvergne, como por exemplo, a Université de Clermont-Ferrand.

Figura 3: CAVILAM. Vichy, France.



Fonte: Google Street View (2015)

Os cursos que fiz na França, além da experiência de imersão como moradora temporária no país complementaram os estudos no curso de Pedagogia. Assim, pude desenvolver um olhar diferenciado para o campo da Pedagogia Empresarial e para a gestão de escolas. A disciplina Administração das Organizações Educativas também contribuiu bastante para que eu pudesse ter maior acesso ao campo da Pedagogia Empresarial, que até então era desconhecido para mim.

A minha trajetória estudantil continuará mesmo depois de formada, pois pretendo continuar a vida acadêmica através da pós-graduação. Planejo atuar como professora na educação básica, e não tenho preferência por uma etapa específica da escolarização dos estudantes do Distrito Federal. Para mim, qualquer ramo da Pedagogia, ou qualquer modalidade de ensino da educação brasileira é de grande importância e isso não deve ser negligenciado. Minha formação como Pedagoga pela Universidade de Brasília exige um compromisso sério com questões relacionadas ao ensino. Por isso, desejo contribuir positivamente através da formação de muitos estudantes da educação básica.

PARTE II
PESQUISA

INTRODUÇÃO

Os conteúdos de Geografia ministrados nas escolas, e em todas as modalidades de ensino no âmbito da educação básica, são essenciais, pois contribuem para a formação plena de cidadãos e cidadãs, estimulando o desenvolvimento e o aprimoramento de habilidades, que serão utilizados nos estudos de outras disciplinas curriculares, além de possibilitar a aquisição de conhecimentos importantes, os quais os estudantes levarão para o seu dia-a-dia, fora da escola.

A Geografia pode ajudar a estimular a capacidade crítica dos alunos. Para isso, os professores que atuarão nos anos iniciais de escolarização necessitam de formação adequada e continuada, em todas as áreas do conhecimento, com as quais irão dialogar em seu trabalho. Nesse sentido, a criticidade, também, está fortemente relacionada à curiosidade do professor, e esta é uma ferramenta considerável a ser utilizada no ato de ensinar (FREIRE, 1996).

Portanto, é recomendável que as crianças possam ter contato com o que a Geografia tem a oferecer desde cedo, e desta forma, os professores estão encarregados de apresentar os conteúdos de uma maneira não só objetiva, mas também lúdica, possibilitando aos estudantes muitos momentos para tirar dúvidas, além da liberdade de construir uma gama de conhecimentos junto aos educadores, favorecendo assim, um ambiente mais acolhedor ao estudo não só da Geografia, mas das demais áreas do conhecimento.

Ao participar de programas de pesquisa na Universidade de Brasília, como o PIBIC (CNPq) 2015/2016, além de cursar a disciplina Educação em Geografia, tive a curiosidade de entender como está estruturado o currículo, no que se refere ao ensino de Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental das escolas públicas do Distrito Federal. Desta maneira, ao iniciar meu estágio obrigatório, nomeado Projeto 4, pela Faculdade de Educação da UnB, pude observar em um grupo de alunos do primeiro ano como ocorre o ensino desta disciplina tão importante para o desenvolvimento do ser humano.

Procurei observar como as crianças nos anos iniciais, mais especificamente no primeiro ano do Ensino Fundamental, estão estudando os conteúdos de geografia na

escola. Para isso, fez-se necessário acompanhar uma turma com estudantes de seis anos de idade, durante o período de quatro bimestres letivos, totalizando um ano. Nesse contexto, emerge a questão que orienta esta investigação: as crianças conhecem o seu próprio lugar, ou seja, o lugar no qual vivem? Afinal, esse lugar - a cidade onde a criança vive - está sendo utilizado como elemento de mediação pedagógica no ensino de geografia nessa turma de primeiro ano?

A Geografia deve ser ofertada em todos os anos do Ensino Fundamental e Médio, como consta no documento Currículo em Movimento, da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE-DF, 2015). Porém, nota-se que alguns estudantes, ao desenvolver atividades relativas à orientação, localização e representação, por exemplo, apresentam dificuldades na coordenação motora, interpretação de sistemas semióticos, entre outras habilidades que deveriam ter sido desenvolvidas e aprimoradas ainda nos anos iniciais.

Parte-se do pressuposto de que na observação de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, constata-se um problema ao ensino e a aprendizagem da geografia: supervalorização dos conteúdos de português e matemática em detrimento da geografia, história e ciências. Um exemplo é a preocupação maior com a alfabetização das crianças, impulsionada pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, de um lado, e o ensino de Matemática, de outro. Assim, os estudantes quase não têm a oportunidade de estudar outros conteúdos, relacionados às demais áreas do conhecimento, deixando-se de lado a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

Outro fator a ser observado, no que se refere ao ensino de geografia nos anos iniciais, é a formação do professor pedagogo. Até alguns anos atrás, na década de 80, os professores não precisavam concluir o ensino superior para assumir uma turma na educação básica (SALGADO, 2000).

Nos dias atuais, existe a necessidade de titular esses professores como licenciados em pedagogia. No caso do Distrito Federal, a Secretaria do Estado de Educação estabeleceu parceria com instituições de ensino superior, entre essas a Universidade de Brasília - UnB, para que os professores possam obter o certificado de graduação em licenciatura.

Mas será que essa qualificação possibilita ajuda ao professor, no que se refere ao ensino de geografia na escola? Muitas vezes o docente não possui o domínio desejável desses conteúdos, influenciando diretamente o aprendizado de seus alunos de uma forma negativa (MIRANDA, 2012). Como um professor pode ensinar sobre o aquilo que não conhece de fato? É uma questão que deveria ser levantada em todos os ambientes acadêmicos relacionados às licenciaturas, especialmente, nesta pesquisa, à pedagogia.

A respeito da formação de professores, Mello (2000) afirma:

Não é justificável que um jovem recém-saído do ensino médio possa preparar-se para ser professor de primeira a quarta série em um curso que não aprofunda nem amplia os conhecimentos previstos para serem transmitidos no início do ensino fundamental. Nem é aceitável a alegação de que os cursos de licenciatura "não sabem" ou "não têm vocação" para preparar professores de crianças pequenas (p.2).

Desta forma, infere-se que a questão da formação de professores deve ser muito bem discutida, tanto pelos profissionais que atuam na área da educação, quanto pelos estabelecimentos de ensino superior, para que haja um consenso a respeito da problemática no que se refere ao diálogo entre teoria e prática na formação de professores que irão exercer seus trabalhos na educação básica.

Destarte, o objetivo geral deste trabalho é o de investigar como o estudo dos conteúdos de geografia, em uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental ocorreu durante o período de um ano letivo, a partir da realização de análise documental, grupo focal, e uma entrevista semiestruturada com a professora regente. Ressalta-se que procura-se entender se os estudantes têm conhecimentos sobre a cidade.

A partir deste, busco alcançar os objetivos específicos do meu trabalho de pesquisa, sendo eles:

- Conhecer o conteúdo de geografia a ser trabalhado durante todo o ano letivo com os estudantes;
- Comparar o conteúdo de geografia previsto nas orientações curriculares da escola e o realmente estudado em sala de aula;

- Identificar o uso da cidade dos alunos, o Recanto das Emas, como elemento mediador do ensino de Geografia em sala de aula, e também como elemento fundamental para a construção do sentimento de pertencimento dos estudantes.

Trata-se de um trabalho de perspectiva qualitativa. Esse tipo de pesquisa valoriza a interação prolongada e direta do pesquisador com as pessoas e o ambiente, ou seja, a interação com o que se deseja estudar (GODOY, 1995). A partir da observação constante e o convívio com o objeto de estudo, o investigador pode registrar suas informações empíricas, ideias, por meio de anotações, gravações de áudio ou vídeo, depoimentos, descrições, entre outros.

As observações foram realizadas durante os dois semestres letivos do ano de 2015, em uma turma regular de 28 alunos, na idade considerada adequada para o início do processo de alfabetização: 06 anos. O primeiro semestre foi dedicado à observação atenta da rotina da turma e da escola como um todo, e o segundo semestre foi destinado à consolidação dos conhecimentos adquiridos anteriormente, além da realização de:

1. Grupo focal.

2. Análise documental:

- 2.1. Diário da Pesquisadora

- 2.2. Desenhos das crianças sobre a cidade e o Recanto das Emas – DF.

3. Entrevista semiestruturada com a professora regente.

Este trabalho foi construído a partir de discussões sobre o ensino de Geografia na educação básica com professores da Universidade e com colegas de curso, observações da prática docente na Escola Classe durante a pesquisa, e cursos em disciplinas que abordam a relevância de uma formação de qualidade do professor, tais como: História da Educação Brasileira, Ensino de Geografia e Oficina do Professor Leitor.

Os principais fundamentos teóricos que norteiam esta pesquisa são provenientes das contribuições de Vigotski (s.d.), Freire (1996), Callai (2000), Lesann (2011),

Miranda (2012), Leite (2002), Cavalcanti (1998), 2008, 2012), Kaercher (2013), Castrogiovanni (2001), Almeida (1991), Morais (2013), entre outros.

A partir das leituras de textos, artigos e livros, construí fichamentos, que foram consideráveis para a identificação dos problemas e das possibilidades que a educação básica propicia no período de escolarização inicial, sendo maior parte destes fichamentos elaborados ainda na fase inicial do estágio obrigatório.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 A geografia escolar

A Geografia é a ciência que estuda o espaço a partir das relações sociais. Como o espaço geográfico é uma construção feita pelo homem, possui a identidade de uma sociedade e, também, a história que marca o presente e o passado. Deste modo, o espaço geográfico pode indicar muitas coisas sobre determinado local a partir da observação do mesmo (MORAIS, 2013).

A Geografia Escolar, certamente, contribui para a formação do estudante nos âmbitos pessoal e profissional. A partir do estudo de alguns de seus conteúdos são desenvolvidas habilidades e competências, como por exemplo, o raciocínio lógico e a coordenação motora, as quais poderão ser utilizadas em outras disciplinas igualmente significativas, tais como a Matemática, a História e as Artes. Assim, faz-se necessário que o estudante seja apresentado, desde os anos iniciais, à Geografia de uma maneira que se sinta motivado e à vontade para aprender, questionar, produzir.

Ao longo dos séculos XIX, XX e XXI, a geografia tornou-se uma ciência plural, pela reestruturação de seu modo de analisar a realidade (CAVALCANTI, 2008). Nesse sentido, a geografia tradicional, acadêmica, fundamentada no positivismo, passou por diversas transformações em relação ao seu objeto, até superar aquele embasamento filosófico. No presente momento, possui possibilidade de análises estabelecidas em outros fundamentos, tais como materialismo histórico dialético e fenomenologia. Além disso, a contemporaneidade dessa ciência incorpora o impacto da tecnologia e da informação em rede no processo de produção do espaço geográfico. Tal contexto influencia o modo de ser da geografia associada à escolarização.

Dessa maneira, o pensamento de que a escola é importante para a construção de uma identidade comum às pessoas, em um território, é trazido pela geografia escolar (LEITE, 2002). Nesse sentido, considera o território que abrange as mais diversas diferenças políticas, econômicas, sociais e culturais: vivido pelo aluno na sua cidade. A escola, então, precisa trabalhar essa diversidade de informações e características, que contribuem para as mais variadas identidades desse povo tão plural que é o brasileiro.

Nas Orientações Curriculares dos Anos Iniciais – Currículo em Movimento - documento elaborado pela Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal em 2015, destaca-se a relevância dos conhecimentos adquiridos pelos estudantes fora da escola, onde um de seus objetivos é estudar o espaço geográfico. Nesse contexto, a Geografia considera a realidade do lugar e os saberes prévios que a turma possui, possibilitando um leque de informações diferenciadas e novas, de discussões e assim constrói um sentimento de pertencimento, com os estudantes, com a escola, e com a comunidade.

Para isso, o professor preocupado em ofertar um ensino de geografia de qualidade deve utilizar elementos do cotidiano de seus alunos. Uma maneira simples e muito rica de se trabalhar essa disciplina é por meio do lugar que os alunos vivem, utilizando-o como elemento mediador da aprendizagem (CALLAI, 2000).

Destacando o cenário da globalização que o mundo vivencia atualmente, a geografia escolar procura fazer o estudo desse contexto, levando em consideração o conhecimento que os alunos já têm sobre a sociedade e o espaço. Com a ajuda do professor, eles podem analisar muitos conceitos geográficos, utilizando suas próprias experiências de vida como parâmetro de comparação ou ponto de partida para a construção de conceitos.

Isso é possível devido ao conhecimento acumulado dos alunos que, juntamente com o conhecimento acadêmico e as experiências vivenciadas pelo professor, interagem para que haja a construção coletiva de um saber, que fundamentará e/ou facilitará a construção dos conceitos científicos em geografia.

O estudo da Geografia possibilita aos alunos um olhar diferenciado e, sobretudo crítico sobre o lugar onde se vive. Isso não seria possível sem a importante mediação do professor, que ali está não para simplesmente fazer uma transferência de

conhecimentos, mas sim para proporcionar momentos de questionamento e a construção do conhecimento feita a partir da colaboração de todos (FREIRE, 1996).

Cavalcanti (2012) ainda aborda a questão de que o ser humano se apropria dos saberes produzidos pelas outras pessoas a partir da atividade cognitiva. É por meio da vivência social que a criança irá descobrir quais são as finalidades de determinados objetos, pois se trata de algo que foi construído culturalmente, ao longo da história. Por isso, deve-se deixar a criança assimilar conteúdos e formar conceitos científicos, a partir de concepções dos conceitos cotidianos, ou seja, construções que se dão no dia a dia desse estudante. Deve-se entender, também, que esses conceitos precisam ter um significado para a vida daquela criança.

Portanto, não é uma tarefa simples para o professor, que não tenha domínio sobre os diversos conhecimentos da sua área de formação, proporcionar esses momentos de descobertas e indagações para as crianças. O professor é responsável pelo acompanhamento do aprendizado desses estudantes, procurando não comprometer suas respostas, deixando-os livres para que possam se expressar, compartilhar seus conhecimentos prévios e analisar se esses conhecimentos possuem relação com o conteúdo proposto em sala de aula.

Tal perspectiva de ensino/aprendizagem de Geografia é denominada de socioconstrutivismo. Esse termo se refere a uma proposição metodológica para o ensino de conteúdos da geografia. Existe uma interação social e a construção do conhecimento nessa perspectiva. Logo, há uma relação entre o aluno, o saber elaborado - o conhecimento - e o professor que vai orientar seus estudantes (CAVALCANTI, 1998).

Por conseguinte, na geografia pautada pelo socioconstrutivismo, há uma contraposição entre o vivido pelos alunos - cotidiano - com a perspectiva científica acadêmica. A partir disso, entende-se que a geografia escolar não é uma simplificação da ciência, mas possui uma forma própria e não está necessariamente subordinada à geografia estudada nos ambientes acadêmicos.

A partir do socioconstrutivismo, a interação social é maior, facilitando diálogos, a observação e a exploração do ambiente em que o aluno se encontra. Nessa perspectiva, a construção de conceitos em geografia torna-se essencial. Um elemento considerado importante para o socioconstrutivismo e também para a geografia é a

linguagem. Morais (2013) entende que os homens primitivos utilizavam a geografia e a linguagem como:

[...] um conhecimento que emerge da necessidade de conhecer o espaço para nele sobreviver e, sendo assim, assumia um caráter prático por estar comprometido com a resolução de problemas imediatos. Um conhecimento que se baseava na observação e na experiência, por isso reconhecido senso comum (p. 242).

Assim, pode-se entender que o saber geográfico possui uma relação com a linguagem, antes mesmo de a Geografia tornar-se conhecida como uma ciência, de fato, no século XIX. Até então, os saberes geográficos tinham se submetido, ao positivismo para concretizar-se como uma ciência.

Para Callai (2000), a Geografia possui muitos conteúdos que possibilitam a relação com a realidade. Um bom desafio é justamente como tratar tanto conteúdo nas aulas. A escola, então, deveria organizar a informação, pois essa informação vem de fora da escola, o tempo todo. O aluno também deveria organizar essas informações com o auxílio do professor.

Essas informações e os conteúdos estudados pelos alunos exigem conceitos. As construções desses conceitos vão de acordo com o cotidiano, ou seja, o senso comum, em confronto com os conceitos que são considerados científicos. Por isso, é essencial que a construção desses conceitos deva ser vivenciada pelos alunos, em parceria com o professor (CALLAI, 2000).

O socioconstrutivismo é uma proposta metodológica muito útil para o ensino de Geografia na educação básica. Na Geografia que se estuda em muitas escolas, a tendência é a de apenas transferir o conhecimento, não oportunizando momentos para reflexão e criticidade aos estudantes. Sobre a prática educativa, em relação à produção do conhecimento, Freire (1996) salienta que:

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é *transferir conhecimento*, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (p.22).

Desta forma, o intuito da geografia escolar é o de proporcionar momentos de reflexão, sobretudo de construir coletivamente esse conhecimento onde o professor é um dos principais mediadores e possibilitadores desse processo. O professor utiliza a sua prática pedagógica e os seus conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico, ou

seja, o conhecimento científico, mas não para obrigar seus alunos a decorarem essas informações, e sim para ajudar na compreensão dos conceitos geográficos, levando as crianças a entenderem a real importância dos conceitos científicos, a partir da vivência no mundo.

Outro aspecto importante é o olhar espacial. Trata-se de uma maneira de se estudar Geografia e de se internalizar conceitos relacionados à Geografia a partir das experiências cotidianas. O olhar espacial deve ser instigado nos alunos em suas mais tenras idades, para que o estudo da Geografia possa ocorrer através do que a organização espacial demonstra a esses estudantes (CALLAI, 2000).

1.2 A cidade como elemento mediador na geografia escolar

De acordo com as Orientações Curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – Anos Iniciais (BRASÍLIA, 2015), o lugar está caracterizado da seguinte maneira:

[...] traduz os espaços nos quais as pessoas constroem os seus laços afetivos e subjetivos, pois pertencer a um território e fazer parte de sua paisagem significa estabelecer laços de identidade com cada um deles. É no lugar que cada pessoa busca suas referências pessoais e constrói seu sistema de valores. São esses valores que fundamentam a vida em sociedade, permitindo, a cada lugar, construir uma identidade própria (p. 21).

Do mesmo modo, a geografia escolar prioriza, por meio da mediação do lugar, no qual os alunos vivem, construir seus conceitos e conteúdos, facilitando a compreensão dos mesmos pelos estudantes. Um aluno que estuda e percebe o contexto de seu lugar, posteriormente entenderá uma série de outras questões vinculadas à organização administrativa de sua cidade, à política, aos problemas sociais e aos aspectos que necessitam ser expostos e debatidos, em virtude de sua utilidade para a população que aí vive.

A geografia é uma ciência que estuda o espaço. Nesse sentido, procura fazer a leitura do mundo, investigando a realidade espacial das mais diferentes sociedades. Desta forma, pesquisa o espaço estabelecendo relações entre sua história e o seu contexto social (CAVALCANTI, 2012).

Neste trabalho, pretende-se averiguar como as crianças de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental estão estudando os conteúdos de Geografia na escola. Uma das melhores maneiras de entender a geografia é compreender o lugar onde se vive e onde se tem uma identidade própria. Desta forma, procura-se identificar se os estudantes se veem no lugar o qual eles vivem. Neste caso, a cidade vivenciada pela turma localiza-se na região administrativa XV, chamada Recanto das Emas, no Distrito Federal.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas escolas nas regiões administrativas é a de reconhecer a identidade das pessoas e do lugar no qual elas vivem. Percebe-se que esses ambientes escolares estão, quase sempre, fazendo referências em seus trabalhos à Região Administrativa I, Brasília, esquecendo-se ou meramente ignorando que Brasília é uma cidade extremamente singular e diferenciada de qualquer outra RA, incluindo o Recanto das Emas. Entretanto, muitos entendem que as cidades localizadas nas regiões administrativas são consideradas bairros de Brasília. Sobre esse assunto, LASSANCE (2002) afirma que:

[...] Portanto, fica evidente que o Distrito Federal – *abriga, sim*, - em seu território, várias *idades* e não *bairros*, como querem alguns. Não confundir, também, *idades* com *municípios*, cujas características e conceitos, evidentemente, são totalmente diferenciados (p.28).

As informações contidas nos estudos de Lassance, em geral, não são trabalhadas em âmbito escolar, infelizmente. As crianças não estudam a organização administrativa do Distrito Federal, confundindo ou restringindo o DF à Brasília. Desta forma, desde cedo, necessitam ter o contato com o seu local, conhecer a organização do DF e valorizar a sua própria cidade, destacando e discutindo, a partir de bastante criticidade, as disparidades entre as muitas cidades que compõem o Distrito Federal.

Muitos dos que moram fora do Distrito Federal também não compreendem muito bem a sua organização administrativa. Pensam se tratar de um estado, ou até mesmo um município. Alguns chegam a afirmar que o Distrito Federal é uma cidade, reduzindo as regiões administrativas a bairros de Brasília. Isso evidencia a confusão e o desconhecimento que é feito entre Distrito Federal e Brasília, região administrativa e a capital do Brasil.

Em documentos legais e oficiais, como a Lei Orgânica, o Distrito Federal é considerado uma Unidade Federativa. Possui autonomia política, administrativa e

financeira. Pertence à União, não é estado, portanto, não possui divisão por municípios (LASSANCE, 2002). No Distrito Federal, localizam-se 31 regiões administrativas, listadas no quadro a seguir:

Quadro 1: Regiões Administrativas do DF.

Região Administrativa	Nome
I	Brasília
II	Gama
III	Taguatinga
IV	Brazlândia
V	Sobradinho
VI	Planaltina
VII	Paranoá
VIII	Núcleo Bandeirante
IX	Ceilândia
X	Guará
XI	Cruzeiro
XII	Samambaia
XIII	Santa Maria
XIV	São Sebastião
XV	Recanto das Emas
XVI	Lago Sul
XVII	Riacho Fundo
XVIII	Lago Norte
XIX	Candangolândia
XX	Águas Claras
XXI	Riacho Fundo II
XXII	Sudoeste/Octogonal
XXIII	Varjão
XXIV	Park Way
XXV	SCIA
XXVI	Sobradinho
XXVII	Jardim Botânico
XXVIII	Itapoã
XXIX	SAI
XXX	Vicente Pires
XXXI	Fercal

Fonte: InforBrasília, 2015

Destarte, todas as regiões administrativas possuem características e histórias singulares, contribuindo para seu desenvolvimento, tanto no âmbito social, quanto econômico. Desta forma, a cidade deveria ser estudada nas escolas de uma maneira lúdica e, certamente, traria bons resultados quanto à construção de conceitos geográficos e de cidadania dos alunos.

Estudar e compreender o espaço onde se vive é necessário. Para isso, é importante fazer e responder questões como: O que é a cidade? Como ela se constitui? Por que e por quem foi constituída? Essas e outras perguntas deveriam estar presentes no dia a dia da população, sobretudo no dia a dia dos estudantes.

Figura 4: Mapa do Distrito Federal



Fonte: Blog do professor Marciano Dantas (2015).

A importância de se trabalhar a cidade em que se vive com os alunos é muito significativa. Isso porque muitos desses estudantes possuem visões estereotipadas e negativas dos lugares onde vivem.

Sobre a importância de pensar o espaço, Leite (2002) diz que:

[...] Será que compreender e interpretar o espaço em que vivemos é uma tarefa realmente complexa? Será que essa dificuldade não mostra que houve falta de desenvolvimento dessa habilidade? As respostas são afirmativas. “Pensar” o espaço é uma tarefa complexa; é uma habilidade que deve ser desenvolvida desde a mais tenra idade e principalmente nos processos iniciais de escolarização [...] (p.245).

Por isso, na escolarização, as crianças devem desenvolver habilidades específicas para entenderem os processos que acontecem na cidade em que vivem. Conseqüentemente, esses alunos conhecerão todo o contexto em que a cidade está envolvida e os problemas que ela enfrenta. Infelizmente, percebe-se que as escolas não

estão se encarregando de propiciar oportunidades para o ensino onde crianças percebam o seu lugar como uma cidade única e diferente das outras.

O ensino de Geografia é um componente curricular muito importante para a formação do aluno como um estudante, profissional e um cidadão íntegro. O conhecimento geográfico é necessário, pois faz parte da construção do saber de todo indivíduo. Sobre a importância da Geografia, ela pode ser constituída como um instrumento de libertação do ser humano, haja vista que o espaço está sempre em contato com a ação do homem (LEITE, 2002).

A cidade do Recanto das Emas possui parques ecológicos, ciclovias, calçadas, além de contar com infraestrutura e aparelhamento utilizado pelo público como: saneamento básico, posto de saúde, Unidade de Pronto Atendimento (UPA), paradas de ônibus, terminais de ônibus, supermercados, bancos, escolas, delegacias, posto de atendimento do corpo de bombeiros, faculdades, CRAS, creches, etc.

O Recanto das Emas é uma região administrativa relativamente nova – foi criada em 28 de julho de 1993 – e enfrenta problemas, como por exemplo, a presença de muitos buracos nas ruas e vias de acesso, ou a falta de lugares arborizados para passeios.

Porém, isso não é motivo para que as crianças percebam a cidade como um local ruim e feio para se viver. Pelo contrário, os estudantes do Recanto das Emas devem identificar esses problemas e entender o porquê do incômodo, para assim, exercerem seus direitos e deveres como cidadãos. Por isso, essa questão deveria ser trabalhada na escola, sobretudo nas aulas de geografia.

Um estudante que conhece a sua cidade e a sua história identifica-se como um morador da mesma, podendo ressaltar as várias características positivas no lugar. Do mesmo modo, esse estudante saberá apontar os problemas maiores e menores vivenciados pelos moradores da cidade. Assim como Kaercher (2013) afirma:

O que é belo ou feio, o que nos agrada ou desagrade pode nos remeter, com facilidade, a ver as feiuras de nossos espaços e sociedades: a pobreza, a miséria, a injustiça, os péssimos serviços que o setor público oferece, os altos preços que o setor privado cobra por produtos nem sempre compatíveis em qualidade, a má qualidade do transporte público, as moradias precárias (e os bairros luxuosos). Não dá para dissociar belo e feio; vida e morte (p.181).

Desta forma, o que é belo e o que é feio é uma concepção subjetiva. A escola precisa trabalhar em sala de aula os problemas e as estruturas que facilitam a vida do morador que a cidade possui. Os professores podem trabalhar isso já nos anos iniciais, pois cidadania se exerce desde cedo. Geralmente, as crianças possuem curiosidade por natureza, e trata-se de uma fase da vida onde os estudantes encontram-se mais a vontade para questionarem e responderem às indagações dos colegas. É nesse momento que o professor deverá exercer seu papel de mediador.

Portanto, a construção do conhecimento, do saber, e de conceitos se dá através da vivência e do confronto entre conceitos cotidianos – comuns – e científicos (CALLAI, 2000). Os professores carecem vivenciar mais essas práticas em sala de aula, juntamente aos alunos, para que todos entendam a importância de se viver nessa região administrativa.

Desta forma, entende-se que é de extrema importância orientar as crianças moradoras do Recanto das Emas sobre sua própria cidade. Muitos tendem a não valorizar as particularidades do Recanto por não a conhecerem. A oportunidade que esses sujeitos possuem para conhecer, mais ainda, o Recanto pode ser possibilitada na escola.

A partir de indagações, trabalhos escolares, debates em sala de aula, saídas de campo, etc., esses alunos poderão entrar em contato com pessoas com maior experiência de vida no lugar, como moradores da cidade e ouvir as mais variadas histórias fascinantes que o Recanto das Emas possui em seu tempo de existência.

As crianças dispõem de alguma noção sobre os locais onde vivem e como vivem. Deste modo, esta observação do dia-a-dia é fundamental para a compreensão e a aplicação dos conceitos científicos. Considerando a observação como elemento fundamental para a aprendizagem e a construção dos conceitos geográficos, a criticidade é muito importante (CAVALCANTI, 1998).

O aluno precisa entender seu contexto e posicionar-se diante dos conflitos diários tanto na escola quanto fora dela. A partir disso, ele deixa de ser uma pessoa desinformada para tornar-se um ser que compreende os significados e conceitos que lhe são apresentados, de uma forma prática/teórica.

1.3 O professor

O professor que está em sala de aula precisa dominar o conteúdo a ser ministrado a seus alunos. Desta forma, entende-se que a formação acadêmica desse professor pode contribuir para a sua prática pedagógica, assim como também pode ser uma formação falha. Infelizmente, grande parte dos docentes que hoje estão atuando na educação básica não tem conhecimento suficiente sobre o conteúdo da sua própria área de formação.

O ensino de Geografia ainda é muito precário nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Por isso, existe a necessidade de se estudar o currículo escolar e também a formação do professor para entender as dificuldades enfrentadas no ensino da Geografia (MIRANDA, 2012).

Para SALGADO (2000), a partir da década de 1980, a formação de professores pedagogos foi discutida por muitos pesquisadores e interessados. A formação dos especialistas em educação era questionada desde os anos 70, e era necessária uma formação de nível superior para os professores pedagogos.

O problema na formação do professor sempre foi discutido pelos estudiosos. Porém os cursos de licenciatura da década de 1990, os quais não focavam na prática escolar, ofereciam um estágio obrigatório com carga horária pequena para uma licenciatura em Geografia (150 horas), por exemplo. Esse curso é focado em “ensinar o que ensinar”, deixando de lado a prática “o como ensinar de fato”. Desta maneira, mesmo os professores já formados e exercendo a profissão, encontravam inúmeras dificuldades no ato de ensinar. Assim também o é com os professores pedagogos até a atualidade.

Miranda (2012) observou que essa dificuldade dos professores em ensinar estava ligada à didática utilizada na Geografia. Os alunos possuem um conhecimento muito precário sobre temas como cartografia, por exemplo, e os professores dos anos iniciais, geralmente, possuem algum domínio de conteúdos da língua portuguesa e da língua matemática, porém não possuem domínio dos conteúdos da Geografia.

O Pedagogo é formado para exercer seu trabalho nos anos iniciais, abordando assuntos relacionados à Matemática, Português, Geografia, História e Ciências. Por conseguinte, o Pedagogo possui, ao mesmo tempo, uma demanda muito grande de

conteúdos a serem ministrados aos seus alunos, e por muitas vezes, os conhecimentos do professor sobre esses campos disciplinares é limitado (LEITE, 2015).

A formação do Pedagogo ainda é muito precária. Os pedagogos enfrentam problemas quando trabalham com conceitos, como por exemplo, o conceito de cidade. A formação destes profissionais é considerada, por muitos deles, inadequada, não proporcionando condições para que esses docentes possam ter domínio do conteúdo a ser ministrado. Desta forma, não conseguem lidar com o dia a dia em sala de aula.

Outro agravante para o problema de desempenho do professor em sala de aula é o material didático. São materiais não confiáveis que, em geral, circulam com informações desatualizadas ou duvidosas, além da falta de detalhamento dos assuntos a serem abordados, não proporcionando na sua leitura a reflexão do conteúdo. Muitas vezes o docente, por não ter conhecimento desse conteúdo, reproduz esse material didático, repetindo os erros, conseqüentemente.

Os livros didáticos no Distrito Federal, em grande parte, consideram o DF como Brasília, sem se atentar que a organização administrativa do Distrito Federal é formada por trinta e uma regiões administrativas, ou seja, é composto por várias outras cidades, cada uma com seu contexto e sua identidade. Porém, a visão sobre as outras cidades são estereotipadas, e por vezes pode gerar uma interpretação preconceituosa, tanto por parte do autor, quanto por parte do leitor.

No DF, os livros didáticos abordam com prioridade a RA I, Brasília, e raramente falam sobre outras regiões administrativas de maneira que o leitor possa identificar a importância das mesmas na composição do Distrito Federal. As regiões administrativas são vistas como locais inferiorizados ao centro urbano de Brasília, e isso só reforça questões relacionadas à exclusão social, o que contribui com o enfraquecimento do sentimento de pertencimento às regiões administrativas.

O currículo também contribui para o mau desempenho de professores e alunos no estudo da Geografia. O currículo geralmente é formulado sem a participação efetiva da sociedade e da comunidade escolar, dificultando ainda mais o processo de aprendizado dos alunos, a formação dos professores, e a efetivação da gestão democrática, prevista em lei. Isso leva as pessoas a questionarem como são feitas as diretrizes curriculares em geral.

Os conteúdos presentes no currículo servem para os professores apenas como uma lista de matérias a serem trabalhadas, não oferecendo a oportunidade de o professor entender o que, realmente, significa o ensino daquele conteúdo que é cobrado obrigatoriamente (MIRANDA, 2012). Se o educador não entende o real motivo de determinado conteúdo ser abordado, a compreensão dos conceitos geográficos não será feita com sucesso.

O professor deve ser um profissional que domina os conteúdos das disciplinas as quais está capacitado a trabalhar. Desta maneira, um professor que tenha essa consciência, sabe que seu papel, também, é o de mediar a construção do conhecimento de seus alunos. Essa construção acontece de uma forma gradual e o professor precisa, e deve valorizar esses aspectos (CAVALCANTI, 2012).

O educador também deve ser aberto e sensível ao diálogo junto aos seus alunos, promovendo momentos de discussão com criticidade sobre os conteúdos trabalhados em sala de aula, considerando ainda as singularidades dos seus alunos, com momentos de mediação na construção e internalização de conceitos.

Outro aspecto importante que o professor deverá desempenhar em sala de aula é a organização de informações que chegam a todo tempo. Dessa maneira, Callai (2000) entende que tratar o conteúdo nas aulas pode vir a ser um problema. Assim, a escola, os professores e os alunos devem organizar as informações que vêm de fora, o tempo inteiro, advindas das mais variadas tecnologias e meios de comunicação.

Kaercher (2013) pontua que os valores ensinados pelo professor são de extrema importância na educação, pois assim, ensinam também ao aluno a ler o mundo de uma forma diferenciada. Desta forma, o autor denomina isso como docenciar e existencializar. O professor precisa ter humildade e saber que deve sempre inovar e procurar se atualizar.

Ainda de acordo com as afirmações do autor, o professor não deve influenciar seus alunos por suas concepções particulares. Pelo contrário, ele deve deixar claro para os alunos quando está professando uma opinião pessoal, e disponibilizar a liberdade para que as crianças concordem ou não com ele. O importante é que o professor seja humilde, para que faça um bom trabalho e busque sempre novas formas de ensinar. Do mesmo modo, esse professor precisa estar atento à realidade dos seus alunos.

Os professores necessitam, além da formação exigida para exercerem a profissão, procurarem estar sempre se atualizando, pois a cada dia novas informações são inseridas no campo educacional, neste caso, na Geografia. Novas descobertas fazem parte do dia a dia do ser humano. Afinal, o conhecimento não é estático, está sempre se renovando, e se redescobrimo.

Portanto, essa autoformação, ou a formação continuada, deve estar presente na prática pedagógica do professor (OLIVEIRA, 2005). As aprendizagens da formação continuada podem ser formais ou não, mas é muito importante que o professor esteja aberto a novos conhecimentos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que considera as realidades e particularidades dos alunos de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, também por prezar a convivência da pesquisadora com esses sujeitos, buscando compreendê-los de maneira singular. Essa pesquisa está estruturada a partir de análise documental e entrevista semiestruturada, as quais serviram de base para a construção das informações empíricas.

A pesquisa de abordagem qualitativa, diferentemente da abordagem quantitativa, não mede os estudos a partir de análise de dados estatísticos. As indagações e as problematizações surgem a partir do decorrer da pesquisa, que está geralmente centralizada na captação de informações empíricas sobre pessoas ou lugares, e possibilita o contato do pesquisador com as realidades tidas como objeto de estudo (GODOY, 1995).

2.1. Contexto de produção das informações empíricas

2.1.1. A cidade: Recanto das Emas

Segundo dados fornecidos pela Administração do Recanto das Emas, é uma cidade na Região Administrativa de mesmo nome, localizada no Distrito Federal; foi

criada em 28 de julho de 1993, por meio da lei nº 510/1993, regulamentada pelo decreto nº 15.046/1993, para atender uma população advinda de outros lugares do DF, maior parte proveniente de invasões, por meio do Programa de Assentamento do Governo do Distrito Federal, na gestão de Joaquim Roriz. Assim, Cerca de 15.000 lotes foram distribuídos à época, em um local que, majoritariamente, era constituído por chácaras.

Ainda de acordo com a Administração Regional do Recanto das Emas, o nome da cidade surgiu por causa de um arbusto – Canela - de - Ema -, muito comum na região de cerrado e particularmente, presente na localidade antes da construção da cidade. Além disso, seu nome também referencia uma fazenda que existia na época, denominada Recanto.

Figura 5: Flor da Canela de Ema



Fonte: J Luciano (2012).

A Canela - de - Ema pode chegar a seis metros de altura e é uma planta nativa e típica do cerrado. Possui flores de vários tons, e a planta pode ter diversas utilidades, tais como para fins medicinais, e principalmente para fazer artesanato.

Figura 6: Canela de Ema



Fonte: canelaema.com.br (2015).

O Recanto das Emas é uma cidade que cresce rapidamente, contabilizando 145.304 mil habitantes atualmente, segundo dados fornecidos pela Administração, do Recanto. A cidade conta ainda com escolas públicas e particulares, faculdades, centros de saúde e Unidade de Pronto Atendimento - UPA, delegacia, quartel de bombeiros, administração regional, cartório eleitoral, centro olímpico, entre outros serviços públicos e privados prestados à comunidade.

Figura 7: Centro Olímpico



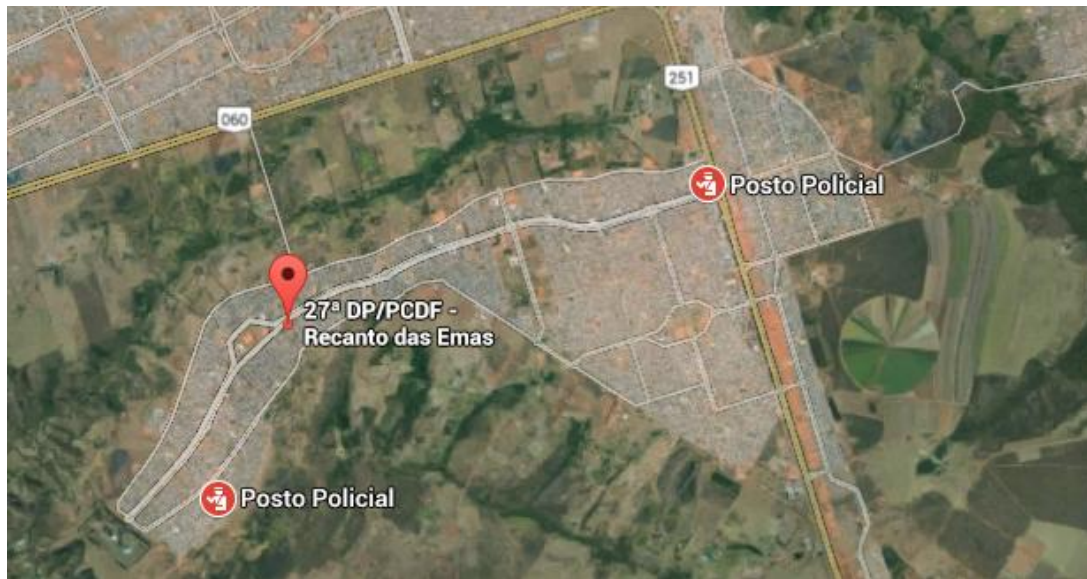
Fonte: Google Earth (2016).

Figura 8: Unidade de Pronto Atendimento



Fonte: Google Earth (2016).

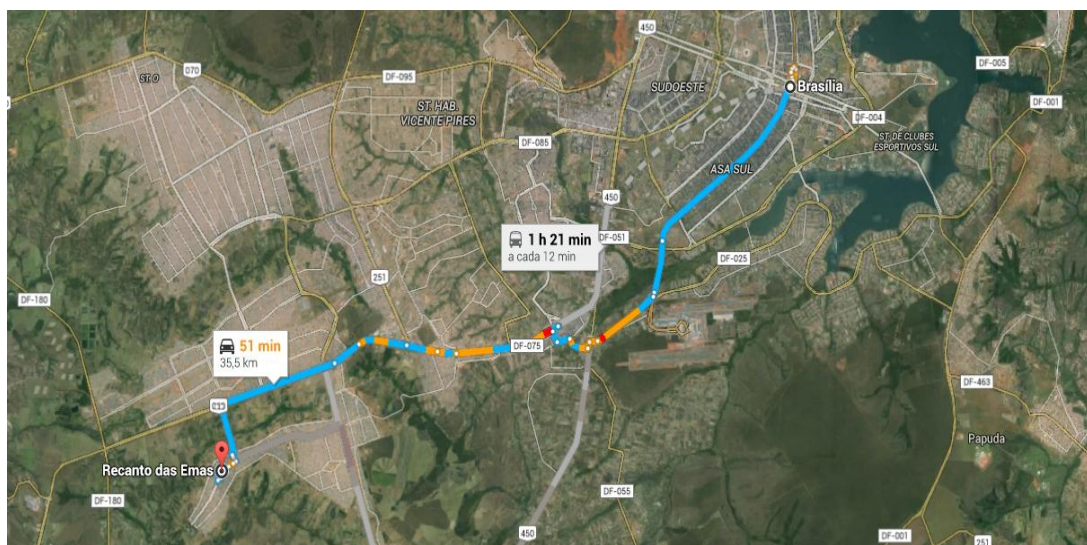
Figura 9: Delegacia e postos policiais



Fonte: Google Maps (2016).

O Recanto das Emas é uma cidade promissora e gera empregos para seus habitantes e, também, para pessoas das cidades vizinhas. RA's como Riacho Fundo II e Samambaia aí procuram serviços, tais como o comércio e escolas. O Recanto está situado a 35,5 km de Brasília, possuindo linhas de ônibus à disposição de seus habitantes, tais como: 819 870 e 809.

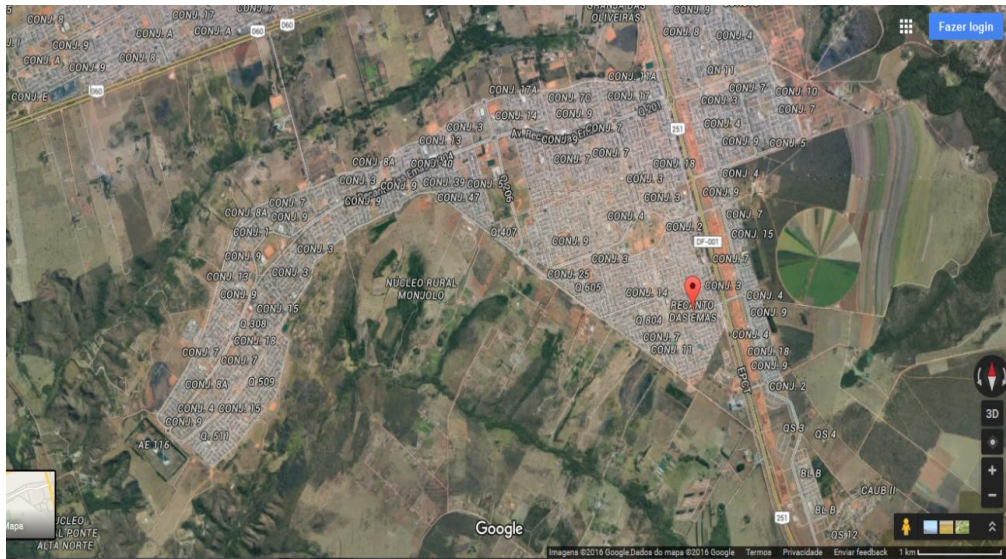
Figura 10: Distância entre Recanto das Emas e Brasília



Fonte: Google Maps (2016).

Seus limites são: ao norte, Samambaia; ao sul, Gama; à leste, Riacho Fundo II; à Oeste, Santo Antonio do Descoberto (GO). A principal via para o acesso ao Recanto das Emas é a DF-001, conhecida também por EPCT – Estrada Parque do Contorno – DF.

Figura 11: Recanto das Emas



Fonte: Google Maps (2016).

Figura 12: Estrada EPCT – Acesso ao Recanto das Emas



Fonte: Rede Globo (2013)

2.1.2. A escola

A escola possui, atualmente, recursos para atender à demanda de aproximadamente 1000 alunos na primeira fase do Ensino Fundamental – primeiro ao quinto ano. Trata-se de uma escola que possui um ambiente bastante ventilado, com boa iluminação natural, aconchegante e aberto à comunidade, organizando eventos aos finais de semana, boa parte deles com a presença dos pais e/ou outros responsáveis pelos estudantes.

A Escola Classe possui professores concursados e temporários, e também servidores terceirizados que atuam em áreas como: limpeza, merenda escolar, manutenção da escola, entre outros serviços prestados.

Possui um parquinho para as crianças brincarem, uma quadra esportiva coberta e bem equipada, estacionamento para os professores, guarita, portaria, sala de recursos, sala especializada para atendimento às crianças com deficiência, biblioteca equipada, sala de vídeo, pátio espaçoso e rampas que promovem a acessibilidade às pessoas com deficiência.

Figura 13: Escola Classe



Fonte: Administração do Recanto das Emas (2014).

2.1.3. Os participantes

Participaram da pesquisa:

Uma turma com 28 (vinte e oito) crianças, todas matriculadas no primeiro ano do ensino regular fundamental. As crianças possuem seis anos de idade. Trata-se de um grupo de crianças que ainda não foi alfabetizado, e muitos desses estudantes não passaram pela escola até então, apresentando algumas dificuldades de aprendizagem.

Todos os alunos residem na área urbana da região administrativa do Recanto das Emas, e moram com os familiares ou mais próximos. Alguns utilizam transporte escolar para chegar à escola, outros usam os transportes público ou particular, sendo que poucos residem nas proximidades da escola.

Participa também da pesquisa a professora regente, com quinze anos de atuação nessa escola. É uma professora concursada, formada em Pedagogia numa faculdade particular do Distrito Federal e gosta muito do seu trabalho, possui cursos posteriores à graduação, tais como pós-graduação e especialização e está sempre atualizando seus conhecimentos. O seu relacionamento com os alunos e o restante da comunidade escolar é bastante amistoso. A professora regente reside no Recanto das Emas.

2.2. Procedimentos de construção das informações empíricas

A pesquisa foi construída por meio de determinados procedimentos, a saber: entrevista semiestruturada com a professora regente, grupo focal com crianças do 1º ano, e análise documental dos seus desenhos e do diário da pesquisadora, especificados a seguir:

- Entrevista semiestruturada: A entrevista foi realizada com a professora regente durante o intervalo das aulas, sendo transcrita por mim no diário da pesquisadora, tendo como objetivo registrar a posição da professora em relação ao ensino de geografia, entre outros dados relevantes para a formação profissional dela e para a formação de seus alunos.
- Grupo focal: feito por ocasião da realização de estágio supervisionado, efetuado durante o período de um ano, em 2015, em turma de primeiro ano. O objetivo do grupo focal foi o de conhecer melhor os sujeitos da presente pesquisa, no sentido

de identificar os conhecimentos geográficos que as crianças possuem sobre a cidade. Além disso, foi solicitado a cada estudante que dissessem uma palavra que caracterizasse a cidade, a fim de saber o que as crianças realmente entendem por cidade a partir do cotidiano que elas têm.

- Análise documental: documentos produzidos por mim e pelos estudantes, sendo eles:

Desenho das crianças: por ocasião da intervenção didática, atividade inerente ao processo de estágio supervisionado, foi solicitado, em um mesmo momento, que todos os estudantes desenhassem em duas folhas de papel A4 o que entendiam por cidade e o que entendiam por Recanto das Emas. Logo após terminarem a atividade, cada estudante explicou o que havia desenhado. O objetivo foi analisar se as crianças possuíam noções relativas ao conceito de cidade, e se elas conheciam o lugar onde vivem e reconhecem-na como cidade, tal como o Recanto das Emas realmente é. Os desenhos foram feitos sem explicação prévia de conteúdo, a fim de identificar os conhecimentos cotidianos das crianças.

Diário da pesquisadora: trata-se de um documento de registro de todas as observações das aulas, efetuadas no contexto do estágio supervisionado. Foi observado, também, o currículo da escola, baseado nas orientações curriculares da SEEDF, onde constam os seguintes conteúdos a serem trabalhados durante o ano letivo:

1º Bimestre:

- Paisagens da sua escola e locais próximos a sua residência;
- Espaço da sala de aula: posição, dimensões de objetos e estudantes;
- Espaço da escola: sala de aula, espaços brincantes, sala de leitura, demais dependências;
- Localização, utilização, reorganização e conservação.

2º Bimestre:

- Paisagens da sua escola e locais próximos a sua residência;
- Espaços vividos: reconhecimento, cuidados e leitura crítica;
- Espaço de casa: endereço, telefone;

- Espaço da vizinhança: rua onde mora, comércio local, espaços de lazer, órgãos públicos;
- Registros cartográficos (mapas, guias de ruas, endereços), maquetes, globo terrestre.

3º Bimestre:

- Comunidades rurais, quilombolas e indígenas;
- Representações dos diferentes espaços

4º Bimestre:

- NADA ESPECÍFICO PARA ESTE BIMESTRE.

Já as orientações curriculares da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para o ensino de Geografia no primeiro ano do Ensino Fundamental são:

Conteúdos:

Espaço vivido e percebido

- Paisagens: observação de paisagens de sua escola e locais próximos à sua residência.
- Ambientes: familiar, escolar e circunvizinho. Observação do ambiente e preservação dos recursos naturais (economia de água e luz).
- Reutilização de materiais: redução do consumo, reciclagem, reaproveitamento.
- Espaço da casa: minha casa, meu endereço, meu telefone.
- Espaço da escola: sala de aula, espaços brincáveis, sala de leitura, demais dependências (localização, utilização, reorganização e conservação).
- Espaço da vizinhança: a rua onde moro, comércio local, espaços de lazer, órgãos públicos (posto de saúde, delegacias, hospitais, escolas).

2.3. Procedimentos de análise das informações empíricas

Após a produção das informações empíricas desta pesquisa, torna-se necessário explicitar como serão analisadas, como pode ser verificado nos itens que se seguem.

2.3.1. Desenhos

Os desenhos foram analisados a partir de dois critérios. O primeiro refere-se à representação dos elementos presentes na cidade. As respostas, sim/não foram sistematizadas no quadro numero 2, denominado Desenhos das crianças sobre a cidade.

Do mesmo modo, o segundo critério objetivou identificar se alguns elementos da cidade do Recanto das Emas foram representados. Assim, as respostas, sim/não foram sistematizadas no quadro numero 3, denominado Desenhos das crianças sobre o Recanto das Emas. Ambos os quadros permitiram a sintetização dos dados por meio de diagramas em formato de pizza.

O quadro denominado Desenhos das crianças sobre a cidade consiste em apresentar o que cada criança desenhou, e se o desenho possui algum elemento que pode ser caracterizado como pertencente à cidade. Desta forma, cada estudante apresentou seu desenho, nomeando tudo o que havia feito na folha de papel.

Da mesma maneira, o quadro denominado Desenhos das crianças sobre o Recanto das Emas apresenta quantas crianças realmente representaram elementos que caracterizam o Recanto das Emas, e quantas crianças não o fizeram.

2.3.2. Entrevista com a professora

A entrevista com a professora da turma foi gravada e transcrita. Posteriormente as informações obtidas foram organizadas no quadro número 4, denominado Entrevista com a professora regente. Este quadro consiste em apresentar dados relevantes sobre a atuação da docente na escola, e sobre a importância atribuída por ela e pela escola ao ensino de geografia.

2.3.3 Grupo Focal

O grupo focal aconteceu durante a aula. A turma é formada por vinte e oito alunos na faixa etária de seis anos. A conversa foi realizada no dia vinte e oito de agosto de 2015, às 13 horas da tarde.

Primeiramente as crianças ouviram a história da cidade do Recanto das Emas, Região Administrativa nº XV do Distrito Federal. O objetivo ao contar a história da cidade é fazer com que os alunos conheçam mais sobre seu lugar, e saibam como e por que ele surgiu.

Logo após contar a história do Recanto das Emas, foi pedido que todos deitassem no chão da sala de aula e fechassem os olhos. Assim, os estudantes ouviram um pequeno trecho da história de Alice no País das Maravilhas, conto que possibilita o trabalho com alguns aspectos relacionados à alfabetização cartográfica.

No contexto do grupo focal realizado com as crianças, foi cobrado a cada criança que especificassem uma palavra que tivesse relação com a cidade. O resultado disso foi sistematizado no quadro numero 5, denominado Grupo Focal.

Ao final da conversa, todos haviam participado, até mesmo a professora regente. Foi um total de vinte e oito palavras. Destaca-se ainda que o estudo da cidade está previsto nas Diretrizes Curriculares pela Secretaria de Educação do Distrito Federal, para todas as séries da educação básica, pois geografia não é uma disciplina restrita ao Ensino Fundamental II e ao Ensino Médio.

No quadro 5 estão apresentadas as palavras indicadas por cada criança. Destarte, o que cada aluno imagina que tenha na cidade do Recanto das Emas foi citado através de uma palavra apenas. Além do quadro, as informações coletadas possibilitaram a construção de um gráfico em formato de pizza, sistematizando os dados.

2.3.4. Diário da Pesquisadora

A observação das aulas regulares das crianças e seu registro no Diário da Pesquisadora, ao longo de dois semestres letivos, foi sistematizado no quadro de número 6, denominado Diário da pesquisadora, a partir dos seguintes critérios: identificação de conteúdo relacionado à geografia – sim/não; conteúdo inserindo a cidade como elemento de mediação pedagógica – sim/não.

Além da observação das aulas ministradas, foi estudado o currículo da escola, a fim de identificar os conteúdos sobre Geografia que constam no mesmo e se de fato esses conteúdos estão sendo trabalhados em sala de aula com as crianças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.3.1. Desenhos

A partir do quadro 2, pode-se observar os seguintes aspectos relacionados no que se refere aos desenhos das crianças sobre a cidade:

Quadro 2: Desenhos das crianças sobre a cidade

Desenho 1	A criança representa elementos presentes na cidade?		Observações
	Sim	Não	
Criança 1	X		
Criança 2	X		
Criança 3	X		
Criança 4	X		
Criança 5	X		Desenho idêntico ao da criança 7.
Criança 6	X		
Criança 7	X		Desenho idêntico ao da criança 5.
Criança 8	X		
Criança 9	X		
Criança 10	X		
Criança 11	X		
Criança 12	X		
Criança 13	X		
Criança 14	X		
Criança 15	X		
Criança 16	X		Mesmo não alfabetizada no momento da atividade, esta criança conseguiu escrever o seu endereço no desenho.
Criança 17	X		
Criança 18	X		
Criança 19	X		
Criança 20	X		
Criança 21	X		
Criança 22	X		

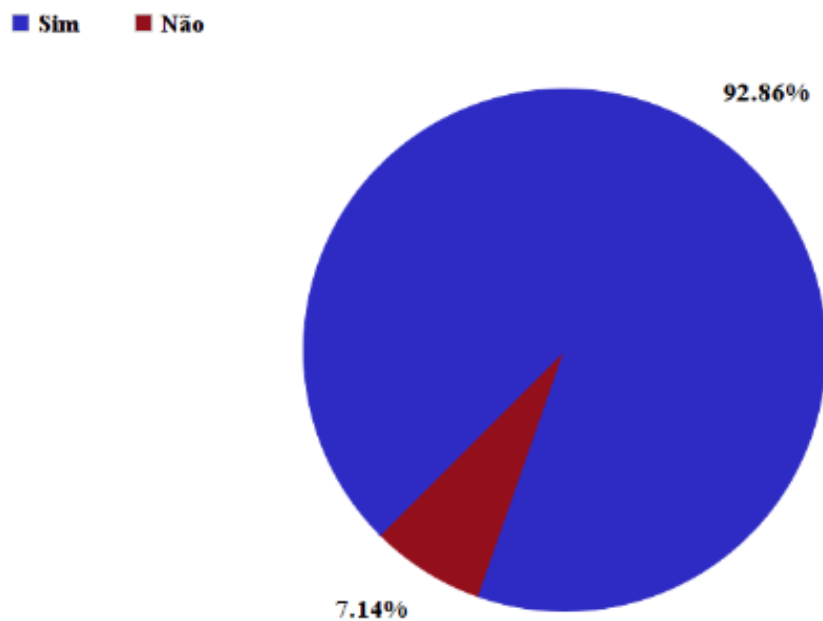
Criança 23	X		Esta criança demonstrou em seu desenho possuir conhecimentos mais consolidados sobre o funcionamento do trânsito em uma cidade.
Criança 24	X		Esta criança desenhou apenas uma casa
Criança 25	X		
Criança 26		X	Não foi identificada nenhuma característica sobre a cidade, e perguntada sobre o que seria o desenho, a criança não soube responder.
Criança 27	X		Esta criança demonstrou em seu desenho possuir conhecimentos mais consolidados sobre o funcionamento do trânsito em uma cidade.
Criança 28		X	
Total	26	2	

Elaborado pela autora

O desenho espontâneo é importante porque, a partir dele, o professor pode identificar o desenvolvimento gráfico-espacial do aluno e também o seu imaginário sociocultural. Além disso, pode-se identificar se o aluno passa por algum problema pessoal, como por exemplo, o medo.

Das vinte e oito crianças presentes, vinte e seis representaram a cidade com elementos que a constituem. As duas crianças que não representaram a cidade, não conseguiram dizer o que foi desenhado, e não identificaram nenhum elemento relacionado à constituição da cidade. Alguns desenhos feitos pelas crianças estão representados nas próximas páginas deste trabalho.

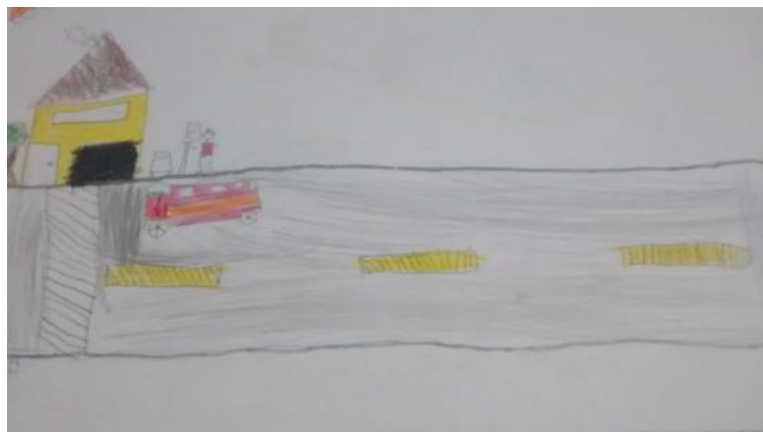
A partir dos desenhos, os professores podem identificar o nível de maturidade dos alunos e o potencial que ele possui em determinado momento de sua vida escolar (LESANN, 2011). Assim, com base no quadro 2, referente às representações de cidade, foi elaborado o gráfico 1, nomeado Os estudantes representaram a cidade?:

Gráfico 1: Os estudantes representaram a cidade?

Elaborado pela autora.

Como consta no gráfico acima, 93% dos alunos representaram a cidade em seus desenhos com elementos comuns à mesma, como carros, prédios, escolas. Isso ocorre devido aos conhecimentos prévios que esses estudantes levam para a escola. Esses são muito importantes ao ensino, no sentido de que o professor possa aproveitá-los para trabalhar conteúdos e conceitos geográficos.

A seguir, desenhos que comprovam os resultados presentes nos quadros mencionados anteriormente:

Figura 14: Desenho 1 – Sujeito 1 sobre a cidade

Desenho da criança 1/2015.

Observa-se nesse desenho do sujeito 1 a presença de elementos que constituem uma cidade: pista com sinalização horizontal, casa, faixa de pedestre, ônibus, pessoas, árvore. Infere-se, a partir disso, que essa criança aparenta ter noções básicas sobre trânsito.

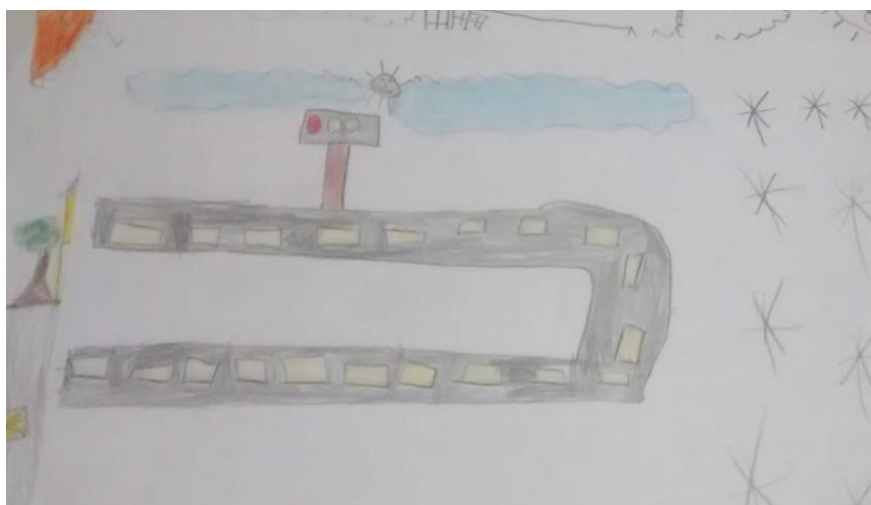
Figura 15: Desenho 1 – Sujeito 2 sobre a cidade



Desenho da criança 2/2015.

Neste desenho existe uma riqueza de detalhes sobre elementos mediadores que podem caracterizar uma cidade sendo eles: igreja, prédios, pista, árvores, flores, escadas. Mais uma vez, comprova-se que de fato essa criança possui, sim, conhecimentos prévios a respeito da cidade.

Figura 16: Desenho 1 – Sujeito 3 sobre a cidade



Desenho da criança 3/2015.

Novamente, a criança destaca elementos presentes em uma cidade, neste caso, percebe-se a presença forte de elementos que caracterizam o trânsito da cidade: pista, sinalização horizontal e sinalização vertical.

Figura 17: Desenho 1 – Sujeito 4 sobre a cidade



Desenho da criança 4/2015.

A criança retrata elementos mediadores que constituem a cidade tais como: pessoas, casa, prédio, e árvore. Desta forma, reafirma-se que boa parte dos estudantes possui conhecimentos prévios sobre a constituição da cidade.

A partir do quadro 3, pode-se observar os seguintes aspectos relacionados no que se refere aos desenhos das crianças sobre o Recanto das Emas tal como cidade:

Quadro 3: Desenhos das crianças sobre a cidade onde vivem: Recanto das Emas

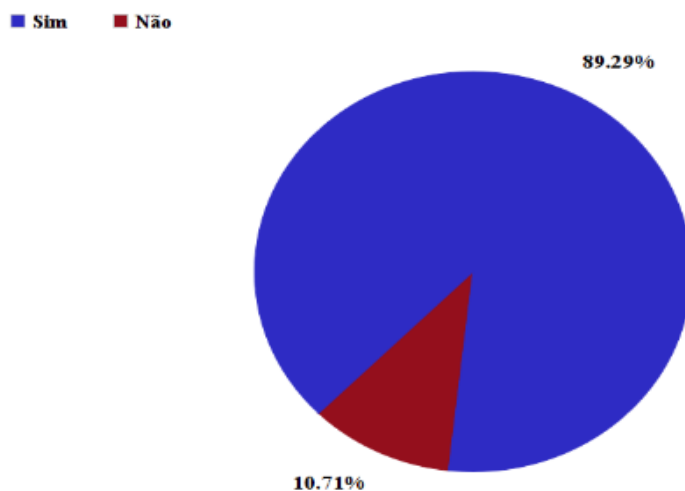
Desenho 2	A criança representa elementos presentes na Cidade: Recanto das Emas?		Observações
	Sim	Não	
Criança 1		X	A criança desenhou um castelo.
Criança 2	X		
Criança 3	X		
Criança 4	X		
Criança 5	X		
Criança 6	X		
Criança 7	X		
Criança 8	X		

Criança 9	X		A criança desenhou apenas a escola dela.
Criança 10	X		
Criança 11	X		
Criança 12	X		
Criança 13		X	A criança desenhou Águas Claras, cidade onde sua mãe trabalha.
Criança 14	X		
Criança 15		X	A criança desenhou um castelo.
Criança 16	X		
Criança 17	X		
Criança 18	X		
Criança 19	X		
Criança 20	X		
Criança 21	X		
Criança 22	X		
Criança 23	X		
Criança 24	X		
Criança 25	X		
Criança 26	X		
Criança 27	X		
Criança 28	X		
Total	25	3	

Elaborado pela autora.

A partir dos dados coletados e expostos no quadro 3, foi elaborado o gráfico 2, a fim de sintetizar as informações empíricas:

Gráfico 2: Os estudantes representaram o Recanto das Emas?



Elaborado pela autora.

Das vinte e oito crianças presentes, vinte e cinco utilizaram elementos realmente existentes no Recanto das Emas tal como cidade, enquanto três desenharam elementos os quais não estão presentes na constituição do Recanto das Emas. Percebe-se, mais uma vez, que boa parte dos estudantes possui, sim, noção do lugar onde vivem, elencando elementos que formam o Recanto das Emas como uma cidade no Distrito Federal.

A seguir, desenhos feitos por algumas crianças, sobre o Recanto das Emas tal como cidade:

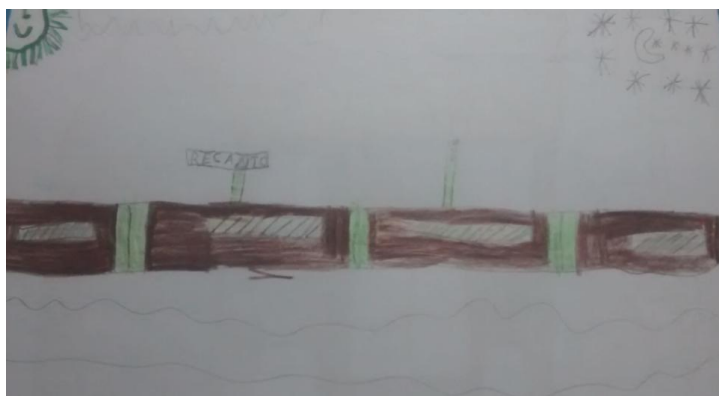
Figura 18: Desenho 2 – Criança 2 sobre o Recanto das Emas



Desenho da criança 2/2015.

Para essa criança, os elementos que constituem o Recanto das Emas como uma cidade são: casa, árvore e uma abelha. Novamente, demonstra-se que existe um conhecimento prévio sobre a constituição da cidade do Recanto das Emas a partir da observação dessa criança no seu cotidiano.

Figura 19: Desenho 2 – Criança 3 sobre o Recanto das Emas



Desenho da criança 3/2015.

Esta criança reconhece elementos que caracterizam o Recanto das Emas, através das pistas e da sinalização horizontal.

Figura 20: Desenho 2 – Criança 4 sobre o Recanto das Emas.



Desenho da criança 4/2015.

Neste desenho, a criança retratou o Recanto das Emas tal como cidade a partir dos seguintes elementos: supermercado, pista, carros e um prédio. Todos os elementos presentes na imagem fazem, de fato, parte da constituição do Recanto das Emas como uma cidade.

Figura 21: Desenho 2 – Criança 5 sobre o Recanto das Emas.



Desenho da criança 5/2015.

Neste desenho, a criança retratou o Recanto das Emas tal como cidade a partir dos seguintes elementos: prédio, carros, igreja e árvore. Todos os elementos presentes na imagem fazem, parte da constituição do Recanto das Emas tal como cidade.

Observou-se também que, em geral, a turma tem interesse nos assuntos relacionados à Geografia, pois os estudantes demonstraram disponibilidade para executar as atividades propostas. Contudo, a turma não sabia ao certo o que desenhar. Essa insegurança possivelmente advém da falta de aprofundamento em relação ao conteúdo de Geografia que aborda a cidade como elemento mediador.

Um ponto interessante citado por Lessan (2011) é o de que o professor precisa deixar seus alunos desenvolverem as atividades, e se isso não acontecer, os alunos não terão proveito e nem aproveitamento sobre os conhecimentos expostos nas atividades. “[...] O professor precisa tomar consciência de que toda vez que se faz algo no lugar do aluno, está-se lhe tirando a oportunidade de aprender.” (p.169). O papel do professor é mediar esse processo de construção do conhecimento.

Além de todos esses aspectos citados, o desenho infantil é uma das formas mais eficientes de comunicação que a criança possui ao entrar na escola. A partir dos desenhos, o professor pode identificar o seu nível de maturidade, mas não somente isso. Pode-se também identificar se essa criança está passando por dificuldades pessoais, traumas, violência (LESANN, 2011).

Os professores precisam acompanhar seus alunos, motivando-os a participarem das aulas, deixando um tempo do horário escolar para que eles produzam seus desenhos baseando-se no contexto social em que vivem. Não deve ser diferente com o ensino de geografia, onde se tem um leque de atividades a serem trabalhadas com as crianças a partir dos desenhos.

Não somente os desenhos, mas também a questão da noção de tempo deve ser priorizada. Muitas crianças entram no ensino infantil sem ter conhecimento do que é hora, dia, ano, mês, semana, entre outros. Trata-se de uma temática que poderá ser investigada continuamente com os estudantes, pois esses conhecimentos são úteis para a vida escolar e pessoal das crianças.

Professores com vontade de aprender e ensinar, alunos que se sintam pertencentes à sua escola, comunidade escolar determinada a garantir o ensino de

qualidade a seus alunos. Várias posições poderão ser tomadas no que se refere ao ensino de geografia e o ensino das demais disciplinas, podendo ser trabalhadas de forma multidisciplinar na escola de uma forma saudável e com resultados positivos.

A geografia escolar, diferentemente da acadêmica ou científica, é construída e realizada pelo professor, que no contexto de sua mediação pedagógica com alunos, constrói e reconstrói conhecimento. Portanto, a geografia escolar não vem pronta para a sala de aula (CAVALCANTI, 2008). Por isso, a mediação do professor nesse processo de construção do conhecimento é tão necessária e indispensável.

Assim como o aluno não é passivo, o professor também não é. Ambos fazem parte do processo de aprendizagem, juntamente aos objetos do conhecimento que serão trabalhados durante as aulas. Sendo assim, existe uma interação social e a construção do conhecimento entre as partes (CAVALCANTI, 1998).

Coletar informações que as crianças trazem previamente, por meio de suas experiências vividas no cotidiano da cidade, é uma atividade interessante, que orienta o trabalho com os distintos conteúdos de Geografia, em sala de aula. No caso dos desenhos sobre a cidade, a turma apresentou resultados positivos, pois demonstrou ter noções geográficas básicas, mas que merecem ser aprofundadas pelo trabalho pedagógico do professor, no contexto de suas aulas.

Contudo, a realidade vivenciada em sala de aula durante o processo de pesquisa é que esses conhecimentos não são trabalhados na escola. Isso é um fator que pode culminar negativamente na formação dessas crianças em um futuro próximo, pois não terão vivenciado o processo de construção de conceitos geográficos e não terão exercitado a criticidade a partir disso, algo que poderá ser cobrado muitas vezes na escola, mas que a mesma não trabalha com os seus alunos.

A escola aparenta não estar abordando conhecimentos geográficos relacionados à cidade, nem relacionados ao Recanto das Emas como região administrativa e elemento mediador para a construção dos conceitos geográficos. Grande parte desses estudantes poderão apresentar sérias dificuldades nos anos posteriores por falta de aprofundamento e de explanação dos conteúdos de geografia básicos que constam no Currículo em Movimento e no Currículo da própria escola.

Destarte, acompanhar o desenvolvimento da criança em sua mais tenra idade é indispensável. A respeito disso, Vigotski afirma que:

No processo de seu desenvolvimento, a criança não só cresce, não só amadurece, mas, ao mesmo tempo – e isso é a coisa mais fundamental que se pode observar em nossa análise da evolução da mente infantil –, a criança adquire inúmeras novas habilidades, inúmeras novas formas de comportamento. No processo de desenvolvimento, a criança não só amadurece, mas também *se torna reequipada*. É exatamente esse reequipamento que causa o maior desenvolvimento e mudança que observamos na criança à medida que se transforma num adulto cultural. [...] (s/d, p.177).

A aprendizagem e o desenvolvimento caminham juntos. Temos aí a escola com o papel da aprendizagem para o desenvolvimento mental das crianças. A qualidade dos instrumentos utilizados nessa aprendizagem influencia o desenvolvimento mental do sujeito. Outro conceito importante que Vigotski aborda é o da internalização. A vivência do sujeito e aquilo que é externo a ele poderá ser internalizado em forma de alguma aprendizagem.

Apesar da importância da construção do conceito por parte dos alunos, e da mediação do professor, essa prática não foi exercitada durante o período de pesquisa na escola, no que se relaciona aos conteúdos de Geografia. Os estudantes trabalharam bastantes exercícios sobre língua materna e matemática, mas quase não se trabalhou o ensino dos conteúdos de geografia, história, e ciências naturais.

É importante destacar que a qualidade no ensino, e na aquisição de conteúdos, é bem maior quando o professor relaciona um conteúdo a várias disciplinas. O uso regular da interdisciplinaridade, e também da transdisciplinaridade pode ajudar o estudante a compreender os conteúdos de várias áreas do saber e fazer uma relação entre todos. Mas isso só é possível se for bem trabalhada pela escola, e se os professores tiverem domínio dos conteúdos básicos denominados para esse ano.

As crianças dessa escola possuem noção do que é uma cidade. Essas crianças trazem conhecimentos prévios para a turma, trazem suas vivências, seus anseios, suas dúvidas, suas alegrias e descobertas. Do mesmo modo, essas mesmas crianças têm a capacidade de perceber a cidade a qual elas moram. A questão é: mesmo que elas percebam a cidade, será que elas a compreendem como o seu lugar?

Para Cavalcanti (1998), Os alunos possuem noção dos locais onde vivem e como vivem. Portanto, essa observação do dia-a-dia é fundamental para a compreensão e a aplicação dos conceitos científicos. Para comprovar isso, a autora cita exemplos de um aluno que possui a prática da observação e outro aluno que não possui a prática da observação, mas ambos os estudantes não têm conhecimento dos conceitos científicos, importantes - sobretudo para o aluno que possui prática da observação, pois assim, sua prática poderia ser potencializada - para a vida cotidiana e escolar.

Ainda considerando a observação como elemento fundamental para a aprendizagem, e a construção dos conceitos geográficos, a criticidade é importante. O aluno precisa entender seu contexto e posicionar-se diante dos conflitos diários, tanto na escola quanto fora dela. A partir disso, ele deixa de ser um estudante absorto, para tornar-se um ser que compreende os significados e conceitos que lhe são apresentados, numa perspectiva prática/teórica. Para isso, uma boa opção é o mapa mental. O mapa mental tem por objetivo conhecer e perceber o lugar onde se vive, sendo uma ferramenta poderosa a ser utilizada didaticamente pelos professores.

Portanto, a cidade faz parte da identidade do morador. Uma criança que não possui vínculos com a sua cidade, tende a criar esses vínculos com outros locais, locais esses que, às vezes, essas mesmas crianças não costumam frequentar.

Além da escola, os livros didáticos contribuem com esse sentimento de desvalorização da cidade. Nos livros didáticos utilizados nas instituições de ensino, a interpretação é de que as outras cidades estão aquém de Brasília. Também, observam-se bastantes estudantes e professores denominando as regiões administrativas como cidades satélites – termo que está em desuso, e pode ser interpretado como preconceito – causando grande desconforto nas pessoas residentes nas regiões administrativas.

Faz-se necessário que a escola valorize as regiões administrativas que compõem o Distrito Federal, afinal, são cidades equipadas, urbanizadas, independentes, multiculturais, e que contribuem para que Brasília funcione todos os dias, através da colaboração da mão de obra dos muitos trabalhadores que residem nas outras trinta regiões administrativas.

A vivência do aluno é um tipo de conhecimento também. O professor deve levar em conta as experiências vividas por ele, e a partir disso construir novos conhecimentos geográficos com a turma. A construção de conceitos científicos é muito importante. A partir disso, as crianças compreendem o sentido real das coisas e podem procurar entender a sociedade onde vivem.

Desta forma, é indispensável que esses conceitos geográficos sejam trabalhados em sala de aula com os estudantes, pois assim, serão utilizados por todas as suas vidas em situações comuns do cotidiano. Trata-se também de experiência com outras pessoas, promovendo a socialização dos indivíduos (CAVALCANTI, 1998).

3.3.2 Entrevista com a professora

A partir de uma entrevista semiestruturada com a professora regente, o quadro 4 indica os critérios e as respostas dadas pela docente:

Quadro 4: Entrevista com a professora regente

Critério	Respostas	Observações
Tempo de trabalho com docência.	Dezesseis anos.	Iniciou seu trabalho já na escola pública, mas não no Distrito Federal. Nunca trabalhou em escola particular.
Tempo de trabalho em sala de aula.	Dezesseis anos.	
Tempo de trabalho na escola atual.	Quinze anos.	
Valorização da profissão.	Não há valorização da profissão.	Participa sempre dos eventos promovidos pelo sindicato em prol da valorização do magistério.
Importância atribuída ao ensino de geografia no currículo da escola.	Não há valorização da disciplina. A geografia não é vista como prioridade pelo currículo.	
Valorização da geografia nas escolas.	Não há valorização da geografia nas escolas.	

Elaborado pela autora.

A docente participante desta pesquisa possui mais de uma década de experiência na área de educação, sendo que boa parte desses anos são em sala de aula. Nesse sentido, por ocasião da entrevista, afirmou que o ensino de geografia não é tratado com

a seriedade merecida nas escolas, pois o currículo dá preferência para a alfabetização. Ainda assim, de acordo com ela, trabalha-se geografia em sala de aula todos os dias, integrada aos demais conteúdos.

A professora regente reconhece que não há valorização da geografia tanto na escola quanto no currículo, pois o mesmo não dá prioridade aos conteúdos geográficos. A mesma afirmou que existe sim uma valorização do ensino da língua materna e da matemática em detrimento do ensino das demais disciplinas.

Um aspecto interessante a ser observado no comportamento do docente, no ensino de geografia, e no ensino das demais disciplinas, é necessário que o professor seja ético, porque o mesmo não pode influenciar as opiniões dos seus alunos. O respeito às opiniões adversas é importante e deve ser exercitado todos os dias. Para Kaercher (2013), isso configura a humildade do docente.

A docente está sempre participando de reuniões e manifestações promovidas pelo sindicato dos professores do Distrito Federal. Procura especializar-se na área de educação e valoriza bastante a formação continuada. Porém, mesmo assim, nota-se que por mais que seja incentivada e seja esforçada a desempenhar um trabalho de qualidade, e o faz, raramente trabalha conteúdos de geografia em sala de aula.

De acordo com Miranda (2012), os professores enfrentam inúmeros problemas ao trabalharem conceitos geográficos. Para Miranda, a formação no curso de Pedagogia é precária e inadequada, pois não o habilita ao domínio dos conteúdos propostos na área da geografia, nem tampouco a aplicação didática desses. Desta forma, a tendência é que não ocorra o compartilhamento de seus conhecimentos geográficos em sala de aula, para fins de construção didática desses junto aos seus alunos.

Nesse contexto é importante ressaltar que os cursos de licenciatura devem articular teoria-prática/prática-teoria, pois ambos são indissociáveis. Assim, é extremamente importante que o professor saiba o que está fazendo, e compreenda, a partir da sua prática, aquilo que considera uma teoria.

No que se trata da postura do professor em sala de aula, entende-se que esse precisa estar aberto às muitas abordagens e às mais variadas metodologias que existem, cabe a ele agir com sensatez e procurar levar para a sala de aula tudo aquilo que for útil para si mesmo e para os seus alunos.

Sobre a importância do papel do professor bem qualificado em sala de aula, Zainko (2003), afirma que:

Nas diferentes perspectivas de análise da questão da competência uma evidência: a certeza de que cabe aos professores papel fundamental no processo de formação da identidade e da autonomia intelectual dos alunos e, portanto, é preciso prepará-los segundo as modernas teorias educacionais. (p.193).

Além da falta de formação adequada do professor, nas escolas os materiais que circulam, geralmente, são materiais não confiáveis por conterem informações errôneas e não revisadas ou falta de detalhamento e aprofundamento sobre os assuntos propostos, deixando uma compreensão vaga e limitada do que é lido ou visto, e mesmo que esse material seja bem elaborado, o professor não possui condições de utilizá-lo da maneira mais proveitosa possível, por falta de domínio do conteúdo geográfico.

Além disso, uma crítica feita por Lesann (2011) é que as escolas não modificam suas atividades em geografia ao longo dos anos. Isso quer dizer que as escolas não atualizam seus currículos, pois existe um nível de complexidade igual para todos os anos do Ensino Fundamental, dificultando o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático e outras habilidades que o aluno precisa para prosseguir seus estudos.

A professora está constantemente conversando com seus alunos, promovendo atividades variadas e lúdicas. Porém, o foco em sala de aula no primeiro ano do ensino fundamental é o da alfabetização. Portanto, percebe-se maior preocupação com a alfabetização das crianças, não deixando muito espaço para o aprofundamento em disciplinas como a geografia.

A geografia feita pela professora nesta escola ainda não contempla questões relacionadas às mudanças do mundo. Isso significa que são deixadas de lado as chances de articular as escalas local/global e, por conseguinte, compreender e pensar o espaço de uma forma mais crítica e mais lúdica. Por isso, pensar o espaço deve ser feito desde a mais tenra idade, pois se trata de uma habilidade essencial que precisa ser desenvolvida na escola. Portanto, o ensino de geografia só é concretizado a partir do momento em que os estudantes pensam o espaço.

3.3.3 Grupo Focal

Ao fazer o grupo focal com os estudantes, elaborou-se o quadro 5, nomeado Grupo Focal, para indicar as respostas de todos os estudantes em relação aos elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas.

Quadro 5: Grupo Focal

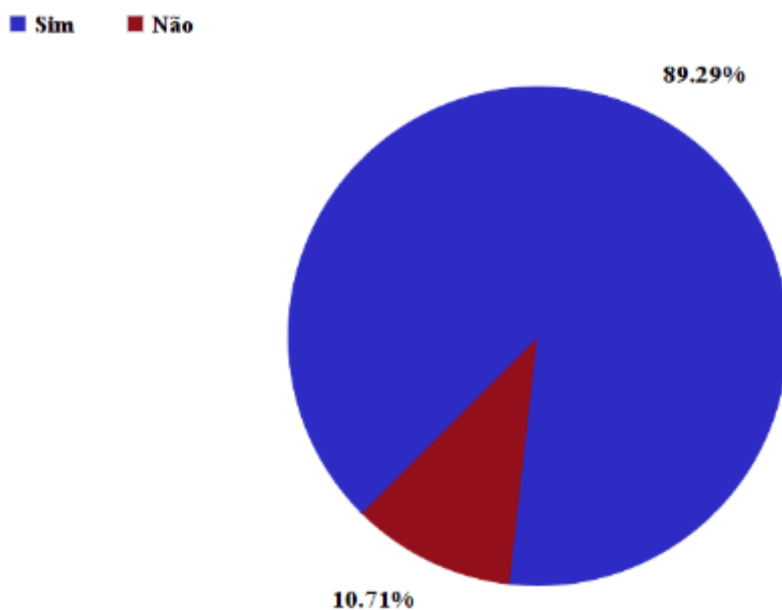
Criança	Palavra	Possui elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas?	
		Sim	Não
Criança 1	CAMINHÃO	X	
Criança 2	CARRO	X	
Criança 3	PADARIA	X	
Criança 4	BOMBEIRO	X	
Criança 5	HOSPITAL		X
Criança 6	POLÍCIA	X	
Criança 7	PADEIRO	X	
Criança 8	PRÉDIO	X	
Criança 9	CONSTRUÇÃO	X	
Criança 10	CASAS	X	
Criança 11	PISTAS	X	
Criança 12	FAIXA DE PEDESTRE	X	
Criança 13	PESSOAS	X	
Criança 14	ESCOLA	X	
Criança 15	DELEGACIA	X	
Criança 16	MURO	X	
Criança 17	MÉDICO	X	
Criança 18	ÁGUA	X	
Criança 19	BIBLIOTECA	X	
Criança 20	PARQUE	X	

Criança 21	PASSARELA	X	
Criança 22	RIO		X
Criança 23	CÉU		X
Criança 24	ÔNIBUS	X	
Criança 25	TÁXI	X	
Criança 26	ÁRVORE	X	
Criança 27	PARADA DE ÔNIBUS	X	
Criança 28	PROFESSOR	X	
Total		25	3

Elaborado pela autora.

A partir do quadro 5, que sistematiza as respostas das crianças sobre os elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas, foi elaborado o seguinte gráfico:

Gráfico 3: Possui elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas?



Elaborado pela autora.

Mais uma vez, as crianças, em geral, demonstraram possuir conhecimentos prévios sobre os elementos que caracterizam a cidade do Recanto das Emas. Desta forma, conclui-se que os alunos são observadores potenciais da realidade, e levam esses

conhecimentos para a escola para que possam ser compartilhados. O problema é que esses conhecimentos não são problematizados da forma correta, nem tampouco são utilizados para a construção de alguns conceitos geográficos.

Considerando-se a experiência efetuada com as crianças, por meio do grupo focal, pode-se perceber a necessidade de delimitação do espaço. Nesse sentido, ao estudar geografia, esse precisa ser delimitado, porque é muito grande, principalmente para o nível de compreensão de crianças de 6 anos. Assim, os estudantes precisam entender o que são os espaços local, regional, nacional e global.

Uma alternativa para isso é a literatura, que serve como elemento auxiliar ao processo de compreensão do espaço. Como exemplo, pode ser citada a história de Alice no País das Maravilhas, que pelas situações específicas vivenciadas pela personagem principal, ao cair no buraco, possibilita uma série de problematizações, particularmente relacionadas ao universo dos conceitos em geografia.

No caso da história Alice no País das Maravilhas, pode-se abordar os seguintes conceitos geográficos presentes na narrativa com as crianças:

Quadro 6: Conceitos Geográficos

Conceitos geográficos que abordados em Alice no País das maravilhas	linha reta; túnel; fossa; poço; tempo; mapas; quilômetros; centro da Terra; distância; latitude; longitude; Terra; país; medida; lugar; instante; escuro; vento; tarde; iluminada; portas; etc.
--	---

Elaborado pela autora.

O estudo do lugar é muito importante, pois nele encontra-se um contexto, uma história. Em um momento da análise da história de Alice, Callai (2000), diz que:

A “Toca do Coelho” da Alice é um lugar de passagem para ela, percorrendo-o, ela chegará num outro lugar. Quando a queda acabou, ela passou a observar o que havia ao seu redor, assim como quando estava caindo pensava onde estaria, percorrendo distâncias, imaginando latitudes e longitudes. Ao chegar ao final da passagem, perguntava-se como sairia dali, se as portas e janelas estavam fechadas. Ela percebia os limites e as possibilidades de ligação daquele lugar, onde fora jogada, com os outros lugares [...] (p.88).

No texto de Alice, muitos conceitos geográficos são explorados. Essa história pode direcionar os conteúdos tratados em sala de aula em geografia, mas é necessário que o professor tenha uma intenção pré-determinada, devidamente planejada, para que a partir da dinâmica efetuada, possa mediar e construir o conhecimento geográfico.

Para Callai (2000), o mapa também possui grande relevância na geografia escolar. Isso porque saber ler o espaço é essencial para todos. É através do mapa que o aluno irá aprender a ler o espaço e a identificá-lo. Porém, para que o aluno consiga lê-lo e interpretá-lo, é necessário que ele seja alfabetizado cartograficamente e, a partir daí, possa, também, compreender seu espaço. Ao construir um mapa, por exemplo, o estudante estará identificando elementos e representando algo, a partir de sua observação. O estudante que mapeia seu trajeto cotidiano passará a perceber, cada vez mais, o espaço que ocupa e o espaço ao seu redor, identificando elementos novos cada vez que observa esse espaço.

Outro momento importante no contexto das finalidades do ensino de geografia é a conformação do olhar espacial. Nessa perspectiva, o olhar espacial é estudar uma realidade social vinculada a uma organização espacial, apresentando questões que podem ou não estar visíveis.

Essa atividade evidencia que a aprendizagem da geografia também é um processo próprio do aluno. Por isso, a necessidade de o professor exercer sua função mediadora e estabelecer um diálogo contínuo com seus alunos, para ajudá-los na construção e na aquisição dos conhecimentos. Para tanto, é importante que o professor conheça os conteúdos trabalhados na disciplina geografia, senão o diálogo não ocorrerá de forma produtiva.

3.3.4 Diário da Pesquisadora

Durante o ano letivo foi elaborado o Diário da Pesquisadora, no qual constam registros sobre as aulas ministradas pela professora, e, também, se as aulas apresentaram conteúdos que pudessem ser relacionados ao ensino de conteúdos da geografia.

Deste modo, além dos registros, elaborou-se o quadro 7, nomeado Diário da Pesquisadora, que indica se foi trabalhado, algum conteúdo relacionado à geografia, e se foi trabalhado algum conteúdo inserindo a cidade como elemento mediador.

Quadro 7: Diário da Pesquisadora

1º semestre letivo					
Aula/data	Foi trabalhado algum conteúdo relacionado à geografia?		Foi trabalhado algum conteúdo inserindo a cidade como elemento mediador?		Observações importantes
	Sim	Não	Sim	Não	
7 de abril		X		X	
9 de abril	X			X	Na aula de educação física, trabalharam lateralidade.
14 de abril	X			X	Trabalharam rapidamente como utilizar a água sem desperdício.
16 de abril		X		X	
23 de abril	X			X	Trabalharam muito superficialmente a questão do uso consciente da água.
28 de abril		X		X	
30 de abril		X		X	
5 de maio		X		X	
7 de maio	X		X		Trabalharam a vizinhança.
12 de maio		X		X	
14 de maio		X		X	
19 de maio		X		X	
21 de maio		X		X	
26 de maio		X		X	
28 de maio		X		X	
2 de junho		X		X	
9 de junho		X		X	
11 de junho		X		X	
16 de junho		X		X	
18 de junho		X		X	
23 de junho		X		X	
25 de junho		X		X	

30 de junho		X		X	
2 de julho		X		X	
4 de julho		X		X	
7 de julho	X		X		Trabalharam família e vizinhança.
9 de julho		X		X	
14 de julho		X		X	
16 de julho		X		X	

2º semestre letivo

Aula/data	Foi trabalhado algum conteúdo relacionado à geografia?		Foi trabalhado algum conteúdo inserindo a cidade como elemento mediador?		Observações importantes
	Sim	Não	Sim	Não	
4 de agosto		X		X	
6 de agosto		X		X	
11 de agosto		X		X	
13 de agosto	X			X	Trabalharam lateralidade em Educação Física
18 de agosto		X		X	
20 de agosto		X		X	
25 de agosto		X		X	
27 de agosto		X		X	
1 de setembro		X		X	
3 de setembro		X		X	
8 de setembro		X		X	
10 de setembro		X		X	
15 de setembro		X		X	
17 de setembro		X		X	
22 de setembro		X		X	
24 de setembro		X		X	
29 de setembro		X		X	
1 de outubro		X		X	
6 de outubro		X		X	
8 de outubro		X		X	

13 de outubro		X		X	
15 de outubro		X		X	
20 de outubro		X		X	
22 de outubro		X		X	
27 de outubro		X		X	
29 de outubro		X		X	
3 de novembro		X		X	
5 de novembro		X		X	
10 de novembro		X		X	
12 de novembro		X		X	
17 de novembro		X		X	
19 de novembro		X		X	
24 de novembro		X		X	
26 de novembro		X		X	
1 de dezembro		X		X	
3 de dezembro		X		X	
8 de dezembro		X		X	

Elaborado pela autora.

Percebe-se que as aulas de geografia, de fato, não ocorreram durante as visitas à escola. Raramente, quando relacionadas à geografia, as aulas aconteciam no horário da educação física. A professora regente aparenta ter muito interesse no desenvolvimento de seus alunos, pois está sempre os observando ao fazerem as atividades, ao brincarem, e desta forma está sempre orientando as crianças. Porém, as aulas estão restritas à alfabetização.

Os resultados que constam no quadro 6, decorrente da sistematização do diário da pesquisadora, permitem inferir que é necessário que a professora, e a escola, abordem o ensino de geografia com maior frequência, articulada às outras disciplinas, através da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade. A falta do ensino dos conteúdos de geografia acarreta numa série de problemas que afetarão o desempenho escolar dessas crianças a curto ou longo prazo.

A geografia contribui para que o estudante desenvolva as mais variadas habilidades – coordenação motora e raciocínio lógico, por exemplo – e por isso deveria ser trabalhada com maior frequência em sala de aula. Mesmo constando no currículo escolar, a escola dá preferência ao ensino de português e matemática, apenas.

Já para a formação do ser humano, para vida e para o trabalho, a leitura de mapas é outra habilidade que é possibilitada e estimulada a partir das aulas de geografia. Sobre a importância do mapa, Almeida (1991), afirma que:

O mapa, portanto, é de suma importância para que todos que se interessem por deslocamentos mais racionais, pela compreensão da distribuição e organização dos espaços, possam se informar e se utilizar deste modelo e tenham uma visão de conjunto (p.16).

O mapa está presente em várias situações do cotidiano, tais como quando é utilizado o GPS do celular, ou aplicativos como o Google Maps e o Google Earth, em guias turísticos, em livros, jornais, revistas, entre outros. Mas muitas pessoas não sabem codificar e decodificar um mapa, isso pode ser decorrente da falta do estímulo dessas habilidades na escola.

É importante ressaltar que as crianças possuem dificuldades para separar o mundo exterior à sua representação, e que a lateralidade é muito forte nelas. Desta maneira, a construção da noção de espaço se dá de uma forma lenta e deve ser bem trabalhada pelo docente. (ALMEIDA et al., 1991).

O aproveitamento dos conhecimentos trazidos pelas crianças pelos professores é essencial para que a aula seja proveitosa e os estudantes possam internalizar os conceitos científicos que foram confrontados com os conceitos cotidianos. Mas, por muitas vezes, o ensino de geografia é encarado como algo chato pelos estudantes, pois para os jovens não é atrativo como as tecnologias, por exemplo. (LESANN, 2011).

Destarte, é importante destacar a importância do currículo escolar. Nesse sentido, percebe-se que existe uma semelhança entre o currículo da escola e as orientações da SEEDF. Não obstante, mesmo que haja elementos em comum, pode-se identificar que a própria escola poderia trabalhar mais conteúdos naquele ano, de acordo com os conteúdos mínimos apontados pela Secretaria. Mesmo assim, ambos os currículos estabelecem que se faça necessário estudar o espaço vivido e percebido das crianças. É justamente aí que entra a cidade do Recanto das Emas como elemento mediador, da construção de conceitos geográficos (MIRANDA, 2012).

Cavalcanti (2008) afirma que a geografia busca:

[...] estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, ao mesmo tempo, às contribuições de outras áreas da ciência e às diferentes especialidades em seu interior; um olhar mais compreensivo, mais sensível às

explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para as suas práticas espaciais (p.19).

Por isso o ensino de geografia deve estar presente nas escolas. Relacionada às demais disciplinas estudadas, torna-se um ensino mais completo, mais crítico, e mais rico. Um obstáculo a ser enfrentado é justamente a falta de interação entre as disciplinas, as quais deveriam ser consideradas importantes da mesma maneira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo investigar se o ensino de geografia se concretiza no primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma turma específica com vinte e oito alunos, e caso sim, como se dá o ensino desses conteúdos, mediado pela cidade onde os estudantes vivem, o Recanto das Emas. Para isso, visitou-se uma escola de Ensino Fundamental I, denominada Escola Classe.

O ensino de geografia é relevante para a formação plena do estudante. Isso significa que a construção de conhecimentos geográficos, por meio da escolarização, é essencial para a formação dos alunos. Nesse sentido, se não é realizado de modo adequado, tende a comprometer o desenvolvimento de determinadas habilidades que poderiam ser utilizadas em outras disciplinas e no cotidiano dia a dia da criança.

Para tanto, para que a geografia escolar ocorra, a professora deve, primeiramente, possuir formação adequada e domínio dos conteúdos de geografia para que o ensino possa ser relevante para essas crianças. Deste modo, a formação continuada deve ser considerada pela docente, a fim de aprimorar e adquirir novos conhecimentos em relação ao ensino de geografia escolar.

Além da busca pela formação continuada, sugere-se que a escola, articulada junto aos professores, promova atividades de campo com as crianças. Trata-se de atividades que permitam a esses estudantes a observação dos mais variados elementos que compõem a cidade, e também a observação de outros objetos de estudo da geografia.

Sugere-se que a atividade relacionada aos desenhos seja socializada com os estudantes, logo após os estudantes terminarem de desenhar. Fazer uma roda com as crianças, pedindo para que todas comentem o que fizeram, podendo comparar e comentar é uma maneira lúdica e bastante proveitosa para trabalhar os conteúdos geográficos, além de utilizar a cidade como elemento mediador. Ressalta-se que o tempo destinado a esta pesquisa não foi suficiente para a realização da socialização dos desenhos.

Outra sugestão é a elaboração de material didático pela professora em conjunto com os alunos. Trata-se de uma atividade que legitima a geografia escolar, a partir da construção de conceitos geográficos, pois os estudantes estarão construindo um material didático onde constam conhecimentos construídos e internalizados pela turma e mediados pela atuação da professora.

Ressalta-se que a professora deve valorizar cada vez mais as vivências que esses estudantes trazem para a escola. Os conhecimentos prévios que as crianças possuem possibilitam à docente um leque de atividades a serem feitas com os alunos, isso porque as crianças detêm muitas informações, as quais são captadas constantemente no seu cotidiano. Se a professora trabalhar isso com maior frequência, perceberá que os conteúdos farão mais sentido para as crianças se forem relacionadas ao contexto de vivência delas.

Portanto, a valorização dos conceitos do cotidiano que as crianças possuem pelo professor é uma tarefa que deve ser posta em prática sempre nas aulas. Afinal, o sentido da geografia escolar é o de construir vários conceitos a partir desses elementos postos pela vivência dos estudantes, isso porque é necessário confrontar os conceitos cotidianos com os conceitos científicos.

Esses conceitos geográficos são construídos a partir dos elementos postos pela vivência. Desta forma, a cidade que os estudantes percebem, ou seja, o Recanto das Emas que é percebido por eles deve ser trabalhado como elemento mediador desse processo de construção do conhecimento.

Constatou-se que boa parte dos estudantes possui, de fato, bastantes conhecimentos prévios, sendo conceitos cotidianos que devem ser mais bem trabalhados pela professora e pela escola, para que esses conhecimentos possam ser confrontados com os conceitos geográficos científicos.

O desenho é prática fundamental para as crianças que estão aprendendo sobre a geografia escolar. A professora mostrou-se prestativa em relação aos alunos em todas as aulas ministradas por ela, mas não se pode concluir que haja uma valorização da prática dos estudantes de desenhar.

O incentivo do desenho nas aulas de geografia possibilita ainda o desenvolvimento de habilidades que serão utilizadas por muitas vezes em outras

ocasiões avulsas às aulas de geografia. O ensino de geografia acontece de fato quando o estudante já possui habilidades que permitam a ele pensar o espaço.

Em relação ao grupo focal, os alunos sentem-se confusos no que diz respeito ao que podem falar sobre a cidade. Contudo, responderam às atividades propostas satisfatoriamente, evidenciando que possuem sim conhecimentos básicos sobre a cidade e sobre a cidade em que vivem, estabelecendo diferenças entre o que uma cidade possui, e o que o Recanto das Emas, enquanto cidade, não possui, mas deveria ter.

A realização deste trabalho mostra que o ensino de geografia nesta turma de primeiro ano não ocorreu durante os dias de observação das aulas pela pesquisadora. Trata-se de um trabalho intenso, feito por um ano letivo. Os estudantes possuem conhecimentos geográficos básicos, porém, esses conhecimentos não foram problematizados e nem aprofundados.

Por fim, os resultados que neste trabalho constam mostram que é essencial que se estude a cidade, e que os estudantes podem sim utilizar seus conhecimentos prévios para corroborá-los ou refutá-los diante dos mais variados conceitos científicos. Nesse contexto, o estudo da cidade necessita ser aprofundado e utilizado como elemento mediador para a efetivação da geografia escolar. Deste modo, o estudo do Recanto das Emas pode oportunizar a essas crianças muitas interpretações diferenciadas sobre os seus cotidianos, e posteriormente, modificar seus modos de pensar, a partir da criticidade.

PARTE III
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Mais uma etapa na minha vida está sendo concluída com a graduação. Sem dúvidas, o curso possibilitou-me as mais variadas aprendizagens, e a minha história de vida contribuiu para que eu pudesse optar pela formação na área da educação. A Pedagogia como um todo é fascinante, e tenho muito gosto por todas as possibilidades que a mesma possui, em seus mais variados ramos, sendo um deles a Pedagogia Hospitalar.

Pretendo continuar meus estudos, através da pós - graduação, onde poderei investigar e aprofundar mais os assuntos importantes para entender a as mais variadas problemáticas em respeito à educação e aos sistemas de ensino. Gostaria muito de continuar meus estudos a partir da pesquisa presente neste trabalho de conclusão de curso, pois o letramento cartográfico é de grande relevância para que muitas habilidades sejam desenvolvidas e aprimoradas pelos estudantes, habilidades essas que serão exigidas por todas as suas vidas.

Tenho planos de trabalhar como docente na educação básica do Distrito Federal, e gostaria de atuar como professora nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação de Jovens e Adultos, na Educação Especial, na Pedagogia Hospitalar, ou na Pedagogia Empresarial. Pretendo ainda obter outras graduações em cursos também relacionados à educação, tais como História e Letras-Francês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADMINISTRAÇÃO REGIONAL DO RECANTO DAS EMAS. *Conheça o Recanto das Emas*. 13/05/2015. Disponível em: < <http://www.recanto.df.gov.br/>> Acessado em: 22 de jun.de 2015.

ALMEIDA, Rosângela D. de; PASSINI, Elza Y. **O Espaço Geográfico: Ensino e Representação**. São Paulo: Ed. Contexto, 1991, p. 15-45.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases** da Educação Nacional. **Lei** número 9.394, 20 de dezembro de 1996.

BRASÍLIA Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica: educação infantil**. 2015. 188p.

BRASÍLIA, **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa**. Ano 3, Unidade 1.

CALLAI, Helena Copetti. “*Estudar o lugar para compreender o mundo.*” In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (Org.) **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre – RS: Ed. Mediação, 2000, p. 83-134.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. “*O misterioso mundo que os mapas escondem*”. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS/Associação dos Geógrafos Brasileiros - Seção Porto Alegre, 2001, p. 31-47.

CAVALCANTI, Lana de Souza. “*Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no mundo contemporâneo*”. In: **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas: Papyrus, 2008, p. 15-37.

_____, Lana de Souza. “*Proposições metodológicas para a construção de conceitos geográficos no ensino escolar*”. In: **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papyrus, 2ª Ed, 1998, p.137-166.

_____. “*Conceitos geográficos: meta para a formação e a prática docentes*”. In: **O Ensino de Geografia na Escola**. Campinas. Papirus, 2012, p. 155 – 173.

DANTAS, Marciano. O Distrito Federal. Disponível em: <<http://professormarcianodantas.blogspot.com.br/2015/04/o-distrito-federal.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2015.

DALBERIO, Maria Célia Borges. *Neoliberalismo, Políticas Educacionais e a Gestão Democrática na escola pública de qualidade*, São Paulo, Paulus, 2009.

FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. 175p.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto (org.). **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GODOY, Arilda Schmidt. *Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades*. In: **Revista de Administração de Empresas**, v.35. São Paulo, 1995. P.57-63.

KAERCHER, Nestor André. “*Docenciando me existencio. Existenciando, penso a docência, porque ela me constitui como ser do e no mundo*”. In: SILVA, Eunice Isaías da; PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. da PUC de Goiás, 2013, p.177-193.

LASSANCE, Adalberto. **Brasília e Distrito Federal: Imperativos Constitucionais**. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002, p. 15 a 76.

LEITE, Cristina Maria Costa. *Geografia no Ensino Fundamental* In: **Universidade de Brasília/ Departamento de Geografia, Coleção Espaço e Geografia**, vol. 5, nº2, Gestão Urbana e Regional, 2002, p.245-280.

_____. *O lugar e a construção da identidade: os significados construídos por professores de geografia do ensino fundamental*. 2012. 222 f. Tese (Doutorado em educação). Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. 2012.

LESSAN, Janine. “A geografia no ensino fundamental: o papel da cartografia e das novas linguagens”. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; BUENO, Miriam Aparecida; SOUZA, Vanilton Camilo (Orgs.) **Produção do conhecimento e pesquisa no ensino de Geografia**. Goiânia: Ed. Da PUC de Goiás, 2011, p. 165-176.

_____. “Construção do Conhecimento”. In: **Geografia no Ensino Fundamental I**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011, p. 91-109.

_____. “Habilidades para trabalhar com dados geográficos” In: **Geografia no Ensino Fundamental I**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011, p.115-138.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo. *O que é, o que é?* Princípios norteadores para uma prática educativa de atividade musical com crianças. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília.

MIRANDA, Sérgio Luiz. *O ensino de Geografia e os professores dos anos iniciais da escola fundamental: currículo, teoria e prática na formação e no trabalho docente*. In: BENTO, Izabella Peracini; OLIVEIRA, KARLA Annyelly Teixeira de (Orgs.). **Pesquisa e prática pedagógica em geografia**. Goiania: Ed. Da PUC de Goiás, 2012, p. 79-101.

MELLO, Guiomar Namó de. *Formação Inicial de Professores para a Educação Básica*. In: **São Paulo em Perspectiva**, vol. 14, no.1: São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000100012>.

MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. “Diferentes linguagens no ensino de Geografia: novas possibilidades.” In: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de; FERREIRA, Joseane Abílio de Sousa (Orgs). **Formação, pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão**. João Pessoa, Ed Mídia, 2013, p.241-264.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. *Criação curricular, autoformação e formação continuada no cotidiano escolar*. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo (Org.). **Cotidiano escolar, formação de professores (as) e currículo**. São Paulo: Cortez, 2005. p.43-67.

PEREIRA, Andrea Antinolfi; BACKERS, Dalila Inês Maldaner. *Educação Infantil e Ensino Fundamental: articulação necessária*. In: Práxis – Revista ICHLA, Universidade FEEVALE, Ano X – vol.2, 2013.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanaglei. “*Representações Gráficas na Geografia*”. In: **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo. Cortez, 2007, p.289-319.

RUTH, Catarina Cerqueira Ribeiro de Souza; MAGALHÃES, Solange Martins Oliveira (Orgs.). **Pesquisa sobre Professores (as): métodos, tipos de pesquisa, temas, ideário pedagógico e referenciais**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011, 224 p.

SALGADO, Maria Umbelina Caiafa Salgado. “*Um olhar inicial sobre a formação de professores em serviço*”. In: *Salto para o Futuro: um olhar sobre a escola.*, Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2000. p.13-30.

VIEIRA, Eliza Revesso. *A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da teoria Histórico-Cultural*, Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.

VIGOTSKI, L.S; LURIA, A.R. **A história do comportamento: o Macaco, o Primitivo e a Criança**. Editora Artes Médicas. [s. d.], 239 p.

ZAINKO, Maria Amélia Sabbag. *Desafio da Universidade Contemporânea: o processo de formação continuada dos profissionais de educação*. In: FERREIRA, Naura Syria.(Org.). **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2003. p.187-217.